CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO (MPNTDE)

Plínia Corrêa Ferreira Serra

QUE HISTÓRIAS SÃO ESSAS?
LITERATURA E TECNOLOGIA NO PROCESSO DE VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro
2022

Plínia Corrêa Ferreira Serra

QUE HISTÓRIAS SÃO ESSAS?
A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadores: Prof. Ms. Alessandro Jatobá
Prof. Ms. Dra. Luciane Conrado

Rio de Janeiro

2022

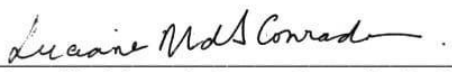
PLÍNIA CORRÊA FERREIRA SERRA

QUE HISTÓRIA É ESSA? LITERATURA E TECNOLOGIA NO PROCESSO DE VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram de forma remota desta defesa de dissertação.

Examinado por:



Profa. Luciane Medeiros de Souza Conrado, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. André Cotelli do Espírito Santo, M. Sc. (UniCarioca)

Profa. Jeanne Cristina Menezes Crespo, D. Sc. (IPHAN-RJ)

Profa. Sheila Martins dos Santos, L. Sc. (NES)

Rio de Janeiro
2022

S487q Serra, Plínia Corrêa Ferreira
Que história é essa? A literatura aliada a tecnologia no processo de construção da valorização da identidade negra na educação infantil / Plínia Corrêa Ferreira Serra. – Rio de Janeiro, 2022.
85 f.

Orientadores: Alessandro Jatobá e Luciane Conrado
Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2022.

1.Educação infantil. 2. Educação antirracista. 3. Literatura. 4. Protagonismo negro. 5. Novas tecnologias digitais. I. Jatobá, Alessandro, prof. orient. II Conrado, Luciane, prof. orient. III. Título.

CDD 371.344

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pela oportunidade de realizar esse mestrado que foi há tanto tempo almejado. A Ele toda honra e toda glória!

Ao meu marido Fábio, melhor amigo e parceiro de todas as horas. Seu colo, incentivo e apoio foram fundamentais em todos os momentos em que pensei em desistir. Sem eles não seria possível a realização desse sonho.

Aos meus pais, Adilson e Célia, por mostrarem desde sempre a importância da educação e seu poder de transformação. Agradeço por sempre acreditarem na minha capacidade.

Aos meus filhos e motivos do meu viver, João Victor e Caio, que são a razão de alegria para acordar, levantar e dar sempre o melhor em tudo que me proponho a fazer. A ajuda de vocês também foi essencial para entrar nesse mundo cada vez mais digital.

Ao Núcleo Avançado de Educação Infantil, que me deu todo o suporte para a realização da presente pesquisa, possibilitando que ela fosse realizada de forma colaborativa, comprometida com as propostas do estudo e com a diversidade social.

Às minhas amigas de mestrado Elisa, Geórgia, Simone e Valéria, por todo o apoio e pelos momentos de trocas e vivências estabelecidos nos grupos de trabalho. Sou grata à vocês por tornarem os meus sábados mais leves e divertidos.

Ao meu orientador, Alessandro Jatobá e minha coorientadora Luciane Conrado, por sua valorosa contribuição e por toda aprendizagem construída durante essa jornada.

À professora Joana, uma das minhas fontes de inspiração. Exemplo de luta e resistência na valorização da mulher negra.

À Rosayna, minha amiga e mentora, uma das grandes responsáveis pela minha entrada, permanência e conclusão no curso de Mestrado. Obrigada pela insistência, disponibilidade e ajuda nas inúmeras horas em que precisei de socorro.

Aos amigos da Turma 8, pelas experiências compartilhadas, pelos sorrisos largos nos momentos de felicidade, descontração e pelas lágrimas derramadas nas horas de dificuldade. Isso tudo contribuiu para eu chegar até aqui, olhar para trás e dizer: Consegui!

RESUMO

A presente dissertação é fruto de uma pesquisa realizada durante o curso de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias Digitais na Educação, que por sua vez, vem destacar a importância da apresentação de leituras que valorizem a cultura afro-brasileira e africana para a formação de cidadãos conscientes e cultuar o respeito às diferenças étnicas, culturais e sociais. Foi realizado um estudo exploratório (pesquisa-ação) com doze responsáveis de uma Unidade de Educação Infantil, do Município de Niterói. A intenção foi compreender as lacunas existentes no acesso dessas crianças aos livros, em especial a literatura de protagonismo negro, cujos resultados revelaram o problema da pesquisa que foi a inadequação de metodologias digitais criativas, que propiciem uma aprendizagem significativa e valorização da identidade negra, através da literatura. Para solucionar o problema, o objetivo geral da pesquisa foi proporcionar uma metodologia que estimule a formação de leitores na Educação Infantil, contemplando o protagonismo de crianças negras, a partir das tecnologias digitais A partir do objetivo geral, verificou-se a necessidade de atingir outros três objetivos específicos: 1) Identificar literaturas de protagonismo negro e ferramentas tecnológicas que favoreçam o processo de formação de leitores; 2) Elaborar Sequências Didáticas que desenvolvam a construção da identidade a partir do reconhecimento positivo das características físicas e culturais das crianças negras por meio de literaturas pertinentes; 3) Criar um e-book para registrar o processo de produção das crianças a partir de uma história criada por elas. Para atingir tais objetivos, foram criadas Sequências Didáticas voltadas para inserção de uma literatura infantil que contemplasse a representatividade negra, como também o processo de construção da valorização da identidade, sendo desenvolvidas atividades de acordo com as necessidades atuais da Educação Infantil de acordo com a legislação que define essa fase da infância como primeira etapa da Educação Básica. Observou-se através dos resultados da pesquisa que as Novas Tecnologias Digitais podem colaborar para valorização do protagonismo negro dentro das práticas pedagógicas voltadas para a Educação Infantil. Notou-se que a representatividade negra dentro da literatura infantil traz inúmeras contribuições no contexto escolar, dentre elas, a valorização da beleza presente na diversidade e na construção da história de cada um.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Educação Antirracista; Literatura; Protagonismo Negro; Novas Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

The present dissertation is the result of a research carried out during the Professional Master's Degree in Education and New Digital Technologies in Education, which in turn, aimed to highlight the importance of presenting readings that value Afro-Brazilian and African culture for the formation of conscientious citizens and the respect for ethnic, cultural and social differences. An exploratory study (action research) was carried out with twelve guardians of a Child Education Unit, in the city of Niterói. The intention was to understand the gaps in the access of these children to books, especially the literature of black protagonism, whose results revealed the research problem that was the inadequacy of creative digital methodologies, which provide a significant learning and appreciation of the black identity, through the literature. To solve the problem, the general objective of the research was to provide a methodology that stimulates the formation of readers in Early Childhood Education, contemplating the role of black children, from digital technologies. three specific objectives: 1) Identify technological tools that favor the process of training readers; 2) Develop Didactic Sequences that develop the construction of identity from the positive recognition of the physical and cultural characteristics of black children through relevant literature; 3) Create an e-book to record the children's production process from a story created by them. To achieve these objectives, Didactic Sequences were created aimed at inserting a children's literature that contemplated black representation, as well as the process of building the valorization of identity, with activities being developed according to the current needs of Early Childhood Education in accordance with the legislation that defines this phase of childhood as the first stage of Basic Education. It was observed through the results of the research that the New Digital Technologies can collaborate for the valorization of the black protagonism within the pedagogical practices aimed at Early Childhood Education. It was noted that black representation within children's literature brings numerous contributions in the school context, among them, the appreciation of the beauty present in diversity and in the construction of each one's history.

KEYWORDS: Early Childhood Education; Anti-racist Education; Literature; Black Protagonism; New Digital Technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Linha do tempo da Educação Infantil 15
Figura 2. Dimensões da pesquisa-ação 54
Figura 3. Imagens representativas da Princesa Mágica 58
Figura 4. Momento da contação de História 63
Figura 5. Confecção das coroas das princesas 64
Figura 6. Representação das Princesas 65
Figura 7. Apresentação do livro Digital "Uma princesa diferente?" 66
Figura 8. Leitura do livro " Amor de cabelo". 66
Figura 9. Manuseio do livro " Amor de cabelo" durante oficina de tranças 68
Figura 10. Realização de tranças pelas professoras. 68
Figura 11. Criança escolhendo o modelo de trança a ser trançado. 69
Figura 12. Avatares criados no aplicativo Bitmoji. 69
Figura 13. História criada por uma criança a partir das figuras escolhidas. 70
Figura 14. Lançamento do livro " Que história é essa GREI 5", no Quilombo do Grotão. 71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Esquema da 1ª Sequência Didática 57

Quadro 2. Texto da história "A Princesa Mágica" 58

Quadro 3. Esquema da 2ª Sequência Didática 59

Quadro 4. Esquema da 3ª Sequência Didática 60

Quadro 5. Justificativa das alunas para a escolha da imagem para representar a Princesa Nina 63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
FME	Fundação Municipal de Educação
GREI	Grupos de Referência em Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MPNTDE	Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação
NAEI	Núcleo Avançado de Educação Infantil
PDF	*Portable Document Format*
RCNEI	Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil
SD	Sequência Didática

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 Inquietação 14
1.1.1 Educação infantil, a Literatura Infantil Negra e as Relações Raciais 16
1.1.2 O Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana 18
1.2 Tecnologia na Educação Infantil e o Acervo Literário Afro-brasileiro 21
1.3 Problema de Pesquisa 22
1.4 Questão Norteadora 25
1.5 Justificativa/Relevância 25
1.6 Objetivos 26
1.6.1 Objetivo Geral 26
1.6.2 Objetivos Específicos 26
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 27
2.1 É preciso falar sobre o Racismo 42
2.1.1 Preconceito Racial no Ambiente Escolar 44
2.1.2 A representatividade e o protagonismo de crianças negras 49
2.3 Literatura Afro-Brasileira 51
2.4 A educação e as novas tecnologias digitais 52
3 METODOLOGIA 53
3.1 A Pesquisa-Ação 53
3.1.1 Dimensões da Pesquisa-Ação 54
3.2. Uso de Tecnologia Digital para Educação Antirracista 55
3.2.1 A Sequência Didática como ferramenta metodológica formativa 55
3.2.2 Elaboração do e-book 56
3.2.3 Planejamento e Ações 56
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES 61
4.1 Primeira Sequência Didática 62
4.2 Segunda Sequência Didática 66
4.3 Terceira Sequência Didática 69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 72

ANEXO A: AUTORIZAÇÃO **76**
APÊNDICE A: PRIMEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 87
APÊNDICE B: SEGUNDA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 90
APÊNDICE C: TERCEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 93
APÊNDICE: D: E-BOOK 96

1 INTRODUÇÃO

Nelson Mandela foi um dos símbolos da luta contra a segregação provocada pelo regime racista ocorrida durante o *Apartheid*, na África do Sul e costumava dizer que o ódio não é algo que nasce com o ser humano, as pessoas são ensinadas desde cedo a diferenciar e hostilizar as outras pela cor da pele, origem ou religião. Madiba, como era chamado pelos africanos, considerava que "para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar" (LÍDICE, 2020, p.1). Essa afirmação evidencia de maneira clara e urgente, a necessidade de uma mudança educacional que promova a igualdade e a harmonia entre as pessoas.

A população brasileira é formada em sua grande maioria por pessoas que se autodeclaram negras – 46,7% pardos e 8,2% pretos. Os dados oficiais escancaram o abismo racial e revelam as feridas que ainda não são encaradas de frente pelas autoridades competentes. Por exemplo, a taxa de analfabetismo é maior entre negros (9,9%) revelando-se o dobro da taxa observada entre brancos (4,4%); o rendimento médio dos trabalhadores negros é inferior ao dos brancos (enquanto pretos ganham em média R$ 1.570,00; pardos recebem R$ 1.606,00 e brancos R$ 2.814,00); 63,8% das crianças de 5 a 7 anos encontradas em situação de trabalho infantil eram negras; a taxa de desemprego entre brancos é menor (9,5%) do que entre pardos (14,5%) e pretos (13,6%); dentre outros números que constatam o nível de desigualdade que vive o país (BARRETO, 2020)

Entende-se que esse cenário foi ainda mais acentuado pela pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus-SARS COV 0-2. Esse contexto inédito de isolamento social no mundo provocado pela disseminação da doença expôs, inflou e aumentou ainda mais as desigualdades entre raças, gêneros, classes sociais e esferas educacionais. Sendo que a educação foi um dos setores mais atingidos em todos seus segmentos e o trabalho pedagógico teve que ser reinventado, reavaliado, adaptado.

O racismo à moda brasileira através da construção do processo histórico-social do país, surge de maneira sutil, camuflada e silenciada, tornando-se um grande propulsor de injustiças sociais que fundamenta a reprodução intergeracional de comportamentos que resultam na exclusão de certos grupos raciais da sociedade. O privilégio branco ou branquitude é um pacto não-falado de reconhecimento "entre iguais" que visa a manutenção de vantagens que ainda afeta a população que tem a cor da pele que não é vista como "normal" na sociedade.

A presente dissertação aborda como a literatura pode ser utilizada junto com a tecnologia na oferta de representatividade e valorização da identidade negra na Educação Infantil. O trabalho contou com a exposição da pesquisa em cinco partes.

Para início de conversa, busca-se determinar como as relações raciais podem ser abordadas em turmas de Educação Infantil por intermédio da contação de histórias que estejam relacionadas com História e a Cultura Afro-Brasileira. Na atualidade o uso da tecnologia passou a facilitar o acesso desse acervo literário brasileiro para o público infantil. Nessa parte do texto também foram determinados e apresentados os aspectos introdutórios que constituem um trabalho acadêmico, como: inquietação; contextualização e caracterização do problema de pesquisa; questão norteadora; justificativa e relevância; objetivos e descrição dos capítulos.

Na sequência, a fundamentação teórica contou com a consulta de autores que são reconhecidos como autoridade no tema para abordar os aspectos sociais-históricos-culturais que contribuíram para se chegar ao que se conhece como racismo à brasileira e a presença do preconceito racial nas escolas. Destaca-se que a luta antirracista também passa pela oferta de representatividade e protagonismo de crianças negras e isso pode ser feito através do trabalho com a Literatura Afro-Brasileira.

As histórias, lendas e personagens nesse tipo de literatura desvinculam o negro da imagem negativa que lhe foi imputada no percurso da história. Isso permite que as crianças com pele negra se reconheçam, se identifiquem e tenham autoestima elevada, além de mostrar para as crianças brancas que as diferenças são o que tornam cada indivíduo em alguém especial.

A metodologia traça o percurso da pesquisa-ação que foi escolhido para chegar ao conteúdo final da dissertação. As dimensões, planejamentos e ações da pesquisa-ação foram desenvolvidas com foco no uso da tecnologia digital para a educação antirracista e na crença de que a Sequência Didática pode ser uma valiosa ferramenta metodológica formativa. Sendo implementadas três SD, cada uma com especificidades, fases e etapas que permitissem alcançar os objetivos propostos na introdução da pesquisa.

Os resultados e discussões são compostos pelo conteúdo coletado durante a pesquisa-ação refutados com trechos de falas, figuras, tabelas e fotos. Há a disponibilização de informações obtidas com aplicação de questionário e a descrição das atividades que foram realizadas em cada SD proposta. Nessa seção é possível perceber como as crianças se comportaram, tendo suas posturas e reações descritas pela pesquisadora.

Nas considerações finais podem ser encontradas alusões de como a realização da pesquisa pode contribuir para a conscientização das professoras envolvidas nas atividades, apontando a importância de práticas educativas que privilegiam a aceitação das diferenças e a valorização da cultura negra. A escola pode contribuir – e muito - para a convivência pacífica na sociedade levando as pessoas a assumirem atitudes e posturas antirracistas.

1.1 Inquietação

A pandemia provocada pela disseminação do novo coronavírus impactou as ações pedagógicas no processo educativo, já que as escolas foram fechadas de forma inesperada. De repente, a presencialidade foi substituída pela virtualidade, sendo todas as relações que costumam ser estabelecidas durante o ensino-aprendizagem mediadas por recursos tecnológicos. Percebe-se que nesse cenário extremo de isolamento social foi iniciado o ensino remoto digital nas escolas, em alguns casos, de forma abrupta, sem planejamento e preparo dos envolvidos.

Como professora do segmento da Educação Infantil de uma Unidade da rede pública de Niterói, me vi envolvida neste dilema desafiador para todos que fazem parte do processo educativo: docentes, alunos e responsáveis. Este contexto, trouxe de forma latente a necessidade de reinventar práticas na Educação Infantil através do uso da tecnologia, tornando-se propulsora de atividades já presentes e essenciais no processo ensino-aprendizagem, como por exemplo a contação de histórias. Entende-se que a leitura possibilita que a criança conheça, imagine, crie e fantasie mundos e cenários "(...) repletos dos seres mais extraordinários e das sensações mais diversas (…)", pois sem a literatura "(...) a infância, a adolescência, a juventude e a maturidade estariam condenadas a ocupar um palco sombrio, triste (...)" (CHALITA, 2005, p.10).

Durante a busca por acervos literários significativos, deparo-me com a literatura infantil negra, apresentada pela professora Joana, mestra e colega de trabalho. Sendo observada como aquela que traz personagens e protagonistas negros, colocando-os em lugar de destaque, assim como seu conhecimento, cultura e beleza. Esse tipo de literatura infantil agrega a tudo aquilo que os documentos educacionais recomendam.

Também foi durante esse momento que se revelou a importância do pensamento da escritora e ativista Angela Davis, que destaca a ineficiência das pessoas apenas se posicionarem como não racistas e se absterem em momentos que presenciam atitudes motivadas por preconceito racial. Para ela é urgente que as pessoas sejam não racistas e

antirracistas. Entretanto, a diferença de um para o outro se torna evidente: “o primeiro se contenta com um posicionamento individual, com consciência pessoal não racista; o último, diversamente, exige do sujeito postura propositiva, ativa, na suplantação e superação de ideias discriminatórias” (SANTOS e GUITARRARA, 2021, p. 4).

Sabe-se que as escolas são espaços privilegiados para o estabelecimento da educação antirracista, visto que a pluralidade de atores que transitam seus ambientes podem torná-los em locais adequados para a promoção da diversidade, do respeito às diferenças, sendo capazes de promover uma educação crítica e libertadora. Contudo, muitas vezes o ambiente escolar toma contornos de hostilidade, um espaço cruel e persistente na tarefa de ser desigual. O racismo deixa marcas no emocional do indivíduo e a criança que passa por isso se sente desmotivada a estudar e frequentar o pátio da escola. Esse cenário é exemplificado de forma competente pela autora Djamila Ribeiro: “(...) era uma criança extremamente extrovertida em casa, mas quando fui para o ambiente escolar eu virei uma criança silenciada, que ficava quieta e calada, por conta de todas as violências que eram permitidas dentro daquele espaço” (SANTOS e GUITARRARA, 2021, p. 2).

Se não existe atuação antirracista dentro da escola com profissionais que possam implementar uma prática de ensino voltada para a igualdade e o respeito, essa e muitas outras situações continuam ocorrendo, de forma silenciosa e cruel. Entende-se que esse silenciamento fortalece o racismo, deixando-o à vontade, tranquilo e calmo. A escolha da presente abordagem também foi inspirada pela fala do Professor Antônio Carlos Mol, que durante a homenagem do dia dos professores disse que os mestrandos deveriam fazer de suas inquietações muito mais do que meros problemas de pesquisa e temas de dissertação. Esses questionamentos deveriam hastear uma bandeira de luta, pois só assim se poderia vencer a guerra contra a ignorância, intolerância, desigualdade e miséria. Essas palavras despertaram a necessidade de deixar os projetos engessados de lado, inflando o anseio de oferecer significado a cada momento e proposta abordada dentro de sala de aula, isso através de práticas pedagógicas que combatem os discursos fundamentados por uma sociedade de valores racistas, eurocêntricos e coloniais.

O contexto vivido por essa geração é de um mundo avançado tecnologicamente, uma vez que as crianças estabelecem contato com os recursos tecnológicos cada vez mais cedo. Ao passo que considerar a expansão e acessibilidade que os mesmos podem adquirir no cenário da infância atual também torna-se válido, visto que a presente pesquisa pretende verificar a

inadequação de metodologias digitais criativas, que propiciem uma aprendizagem significativa e valorização da identidade negra, através da literatura

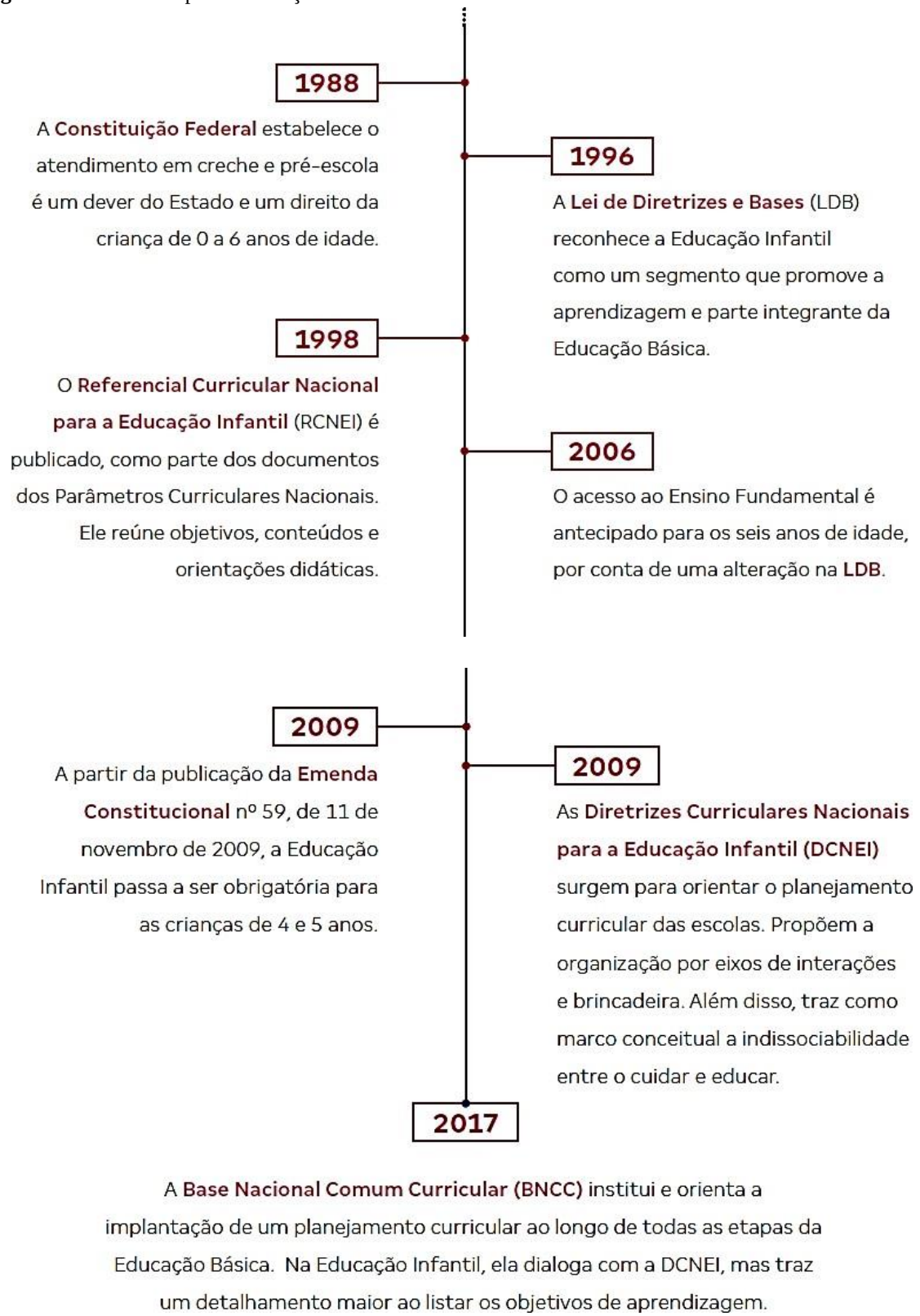
1.1.1 Educação infantil, a Literatura Infantil Negra e as Relações Raciais

Paschoal e Machado (2009) contam que até meados do século XIX as crianças aprendiam sobre as normas, regras e tradições da cultura no seio familiar. Até então a compreensão do ensino através da divisão de classes como maternal, jardim de infância, pré-escola não era estabelecida. Entende-se que ao longo da história foram muitos os nomes utilizados para esse período de atendimento à criança pequena, que antecede ao Ensino Fundamental. A verdade é que os nomes mudaram de acordo com a reformulação do que, afinal de contas, hoje se conhece como Educação Infantil.

A compreensão da história da Educação Infantil no Brasil torna-se relevante para a presente pesquisa, visto a necessidade de realizar uma abordagem primária, com o intuito de fortalecer a provocação que será dada a partir das problematizações impostas, já que houve todo um movimento histórico de mudança quanto a percepção dos direitos das crianças e de conquistas desveladas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

De certo, a Educação Infantil brasileira passou por mudanças significativas desde uma primeira concepção assistencialista até o reconhecimento da criança como um ser histórico e social dentro do processo educativo. A seguir, será apresentada uma linha do Tempo da Educação Infantil destacando os documentos orientadores para o atendimento educacional, sendo a data demarcada a partir de 1988 quando a finalidade do atendimento infantil era assistencialista, até o ano de 2017, com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que orienta mudanças importantes no planejamento curricular das etapas da Educação Básica, estabelecendo o diálogo com a Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil **(**DCNEI) e listando os objetivos de aprendizagem para cada fase escolar.

Figura 1. Linha do tempo da Educação Infantil



Fonte: https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/tzwMsSqSXeHHPJYnyauX69Fd7J79vJjZznsTz5FXeuekdN85ZW6kmMUV4Sap/ce27jan20-bncc-educacao-infantil-linhatempo-carontedesign-download.pdf

Sabe-se que a Educação Infantil, enquanto primeira etapa da educação básica (LDB 1996) recentemente passou a ser contemplada também na BNCC, que define conhecimentos e as habilidades essenciais, direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da criança de até seis anos. Uma das ferramentas que podem ser utilizadas para atingir esses objetivos é a contação de histórias, que nesta etapa, pode ser utilizada para desenvolver a imaginação, a criatividade, o gosto pela leitura e pela linguagem, criando empatia do indivíduo com os personagens, além de despertar na criança o lado lúdico e ajudá-la a entender o mundo à sua volta.

Entende-se Literatura Infantil Negra como aquela que traz tanto os personagens como os protagonistas negros, deslocados do lugar historicamente conhecido e retratado nos livros didáticos (o de escravos). Ela coloca esse sujeito negro em outro lugar, o lugar de destaque, apresentando o conhecimento de cultura e beleza que possibilitam conversas sobre muitas questões, dentre elas a ancestralidade. O trabalho com esse tipo de literatura pode colaborar para a transmissão de valores morais, o estímulo das emoções, além tratar sobre a importância do reconhecimento da autoimagem e autoestima.

Como a Educação Infantil é parte da Educação Básica não se pode deixar de referenciar a Lei 10639/03 na qual é tratada a Educação Antirracista como um aspecto que deve compor as ações e planejamentos desde a mais tenra idade no sentido de formar a consciência já na infância (PEREIRA et. al., 2021).

Em 2003, a criação da Lei 10639 se volta para a correção de uma desigualdade histórica que recai sobre um segmento populacional e étnico-racial específico, ou seja, os negros brasileiros. Foi uma conquista relevante para a adoção de perspectivas mais democráticas e diversas. Ela é fruto da luta e uma conquista de inúmeras manifestações dos movimentos negros, fazendo surgir uma regulamentação que estabelece a obrigatoriedade de conteúdos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos da Educação Básica (BRASIL, 2003).

1.1.2 O Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana

A Lei 10.639/03 instituiu a obrigatoriedade de inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos da Educação Básica. O intuito é combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros, propondo o reconhecimento de adoção de políticas educacionais e de estratégias de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial e esse reconhecimento está pautado pela prática de

respeito à diversidade. Como retrata as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, ela visa exigir a:

> valorização e o respeito às pessoas negras, a sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores, lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana (BRASIL, 2004, p.12)

A aprovação dessa lei federal simboliza um marco histórico da luta antirracista no Brasil e a transformação da política educacional e social brasileira. Esse regulamento modificou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) ao instituir a obrigatoriedade dos sistemas de ensinos municipal, estadual e federal que precisam incluir aulas sobre questões étnico-culturais em seus currículos. Antes da aprovação da referida lei, alguns municípios, como Salvador (1989), Belo Horizonte (1990), Porto Alegre (1991), Diadema e Belém (1994), São Paulo e Distrito Federal (1996), Criciúma (1997), Teresina (1998), Campo Grande (1999) e Campinas (2000), já haviam incluído em seu currículo o estudo das relações étnico-culturais ou raciais. No entanto, a promulgação da lei, embora represente um avanço no sentido da promoção da igualdade racial, infelizmente, não garante sua realização.

Essa é uma conquista do Movimento Negro que ainda não é efetivamente cumprida em função de um conjunto de intolerâncias e discriminações enraizadas na sociedade brasileira. O não cumprimento dessa lei corrobora com a reafirmação de uma história da África que não é contada e conhecida no Brasil, fazendo com que as crianças não tenham referências negras nas ciências; nas artes; na política e em tantas outras áreas do conhecimento registradas nos livros didáticos utilizados nas escolas de ensino fundamental e médio.

Assim, se faz necessário que docentes, desde a Educação Infantil, desenvolvam práticas que valorizem a história e cultura das pessoas em suas variadas diferenças. Além disso, é possível fomentar que essas ações pedagógicas voltadas para as temáticas raciais somente seriam válidas se realizadas durante todo o ano letivo e não celebradas somente em datas comemorativas, como no 20 de novembro (Dia da Consciência Negra) ou em 8 de março (Dia Internacional da Mulher). De acordo com Eliane dos Santos Cavalleiro no livro que foi resenhado por Souza et. al. (2018, p.137): “a relação diária com crianças de quatro a seis anos permitiu identificar que, nesta faixa de idade as crianças negras apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem”. Neste sentido, é

importante ressaltar e valorizar as conquistas da população negra, favorecendo deste modo que as crianças se identifiquem e tenham orgulho de suas histórias, memórias, raízes e patrimônios.

Constatando-se a Educação Infantil como a Primeira Etapa da Educação Básica, e que a mesma não pode deixar de acompanhar os avanços tecnológicos da sociedade, uma vez que é direito da criança uma educação que a desenvolva de modo integral, incluindo todas as áreas de conhecimento, onde as mídias digitais também estão inseridas. As crianças devem:

> compreender, utilizar e criar novas tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p.9).

Entende-se a urgência de refletir sobre o processo educativo, e, para isso, é preciso fazer das tecnologias mais uma ferramenta, um recurso para o processo de ensinar e aprender. Como afirmam Ramos e Carmo (2008) apud Tamanho e Minuzzi (2021): a escolha de utilizar as tecnologias em sala de aula influencia diretamente no relacionamento do aluno com a escola, assim como nas formas de aprendizagem e a apropriação do conhecimento.

Sabe-se que as tecnologias propiciam novas formas de acesso às informações e novos estilos de aprendizagem. Estes por sua vez, podem ser partilhados entre sujeitos e ampliar o potencial de Inteligência Coletiva[1] com o intuito de favorecer a aprendizagem em uma sociedade que possui sua estruturação em rede (CASTELLS, 2007).

Portanto, torna-se primordial que haja reflexão sobre a proposta no presente estudo, em buscar o acervo literário Afro-brasileiro por meio das Tecnologias Digitais, com o intuito de oferecer o maior número possível de literaturas que estejam voltadas para um ambiente de aprendizagem significativo, onde a criança negra seja representada como protagonista.

Nesse cenário que se favorece das novas tecnologias, o professor deixa de ser protagonista, passando a ocupar o papel de criador e facilitador de ambientes de aprendizagem. A educação precisa ser menos sobre o sentido de transmitir e mais sobre pesquisar junto. Visto que o aprendizado para as crianças do século XXI não pode se valer mais das metodologias do século passado.

[1] Proposto por Lévy (2003), o conceito da Inteligência Coletiva surgiu a partir de questionamentos relacionados ao uso de Tecnologias da Inteligência nos planos social, político e econômico. Para ele, o homem não é capaz de pensar sozinho e precisa de conexões sociais para a elaboração de novas ideias sustentáveis. Isso acontece através da Inteligência Coletiva, que se torna viável pela utilização das redes abertas de computação da internet. Esse processo é global e vai além do aspecto cognitivo.

1.2 Tecnologia na Educação Infantil e o Acervo Literário Afro-brasileiro

Constatando-se a Educação Infantil como a Primeira Etapa da Educação Básica, e que a mesma não pode deixar de acompanhar os avanços tecnológicos da sociedade, uma vez que é direito da criança uma educação que a desenvolva de modo integral, incluindo todas as áreas de conhecimento, onde as mídias digitais também estão inseridas. As crianças devem:

> compreender, utilizar e criar novas tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p.9).

Entende-se a urgência de refletir sobre o processo educativo, e, para isso, é preciso fazer das tecnologias mais uma ferramenta, um recurso para o processo de ensinar e aprender. Como afirmam Ramos e Carmo (2008) apud Tamanho e Minuzzi (2021): a escolha de utilizar as tecnologias em sala de aula influencia diretamente no relacionamento do aluno com a escola, assim como nas formas de aprendizagem e a apropriação do conhecimento.

Sabe-se que as tecnologias propiciam novas formas de acesso às informações e novos estilos de aprendizagem. Estes por sua vez, podem ser partilhados entre sujeitos e ampliar o potencial de Inteligência Coletiva[2] com o intuito de favorecer a aprendizagem em uma sociedade que possui sua estruturação em rede (CASTELLS, 2007).

Portanto, torna-se primordial que haja reflexão sobre a proposta no presente estudo, em buscar o acervo literário Afro-brasileiro por meio das Tecnologias Digitais, com o intuito de oferecer o maior número possível de literaturas que estejam voltadas para um ambiente de aprendizagem significativo, onde a criança negra seja representada como protagonista.

Nesse cenário que se favorece das novas tecnologias, o professor deixa de ser protagonista, passando a ocupar o papel de criador e facilitador de ambientes de aprendizagem. A educação precisa ser menos sobre o sentido de transmitir e mais sobre pesquisar junto. Visto que o aprendizado para as crianças do século XXI não pode se valer mais das metodologias do século passado.

[2] Proposto por Lévy (2003), o conceito da Inteligência Coletiva surgiu a partir de questionamentos relacionados ao uso de Tecnologias da Inteligência nos planos social, político e econômico. Para ele, o homem não é capaz de pensar sozinho e precisa de conexões sociais para a elaboração de novas ideias sustentáveis. Isso acontece através da Inteligência Coletiva, que se torna viável pela utilização das redes abertas de computação da internet. Esse processo é global e vai além do aspecto cognitivo.

1.3 Problema de Pesquisa

O presente estudo teve o objetivo de proporcionar um ambiente de leitura que promovesse o protagonismo negro, através de atividades que envolveram o uso das novas tecnologias digitais e da literatura para realçar o valor do povo negro para alunos do GREI 5 de um Núcle Avançado de Educação Infantil da Rede Municipal de Niterói, por meio de Sequências Didáticas.

Entende-se que essa proposta pode ajudar na desconstrução da imagem negativa e pejorativa que ainda se tem da população negra, mostrando o quanto é importante o processo de construção da identidade nas crianças, coordenado com o reconhecimento da sua autoimagem e autoestima. Não se pode deixar de levar em consideração que a criança é um ser em processo de transformação, por isso, se faz necessária a realização de atividades pedagógicas significativas que relacionem a realidade com o conhecimento de mundo dela.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a criança é um sujeito histórico e de direitos que constrói sua identidade pessoal e coletiva através das interações, relações e práticas cotidianas que vivencia. Ou seja, ela brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e desenvolve sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010).

A escola precisa reconhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade (BNCC, 2017). Para tanto, o estudo considerou que as propostas antirracistas pudessem ser aplicadas por meio de metodologias inovadoras, tão relevantes para a aprendizagem das crianças que nasceram na Era Digital.

O entendimento sobre o uso das novas tecnologias digitais para o favorecimento da educação antirracista na Educação Infantil fez emergir a necessidade de identificação da estruturação de literatura pertinentes e significativas que sejam representativas para a maioria das crianças atendidas na escola pesquisada. Na ocasião, levantou-se junto aos professores e arquivos da escola, literaturas consideradas adequadas para trabalhar a questão do protagonismo negro. Para tanto, julgou-se necessário elaborar um estudo exploratório para confirmação do acervo da literatura em casa, já que as crianças, inicialmente, se encontravam em distanciamento social.

O presente estudo sobre a Literatura Infantil tem como problema de pesquisa:a inadequação de metodologias digitais criativas, que propiciem uma aprendizagem significativa e valorização da identidade negra, através da literatura.

A pesquisa foi norteada pelos princípios e políticas de literatura previstos no Plano Nacional de Educação que foi atualizado em vinte de dezembro de 2019 e em consonância com os marcos legais da Legislação Nacional que tratam a respeito da educação antirracista e a BNCC.

No caso da literatura, o estudo foi voltado para a construção de um ambiente literário, onde o acesso aos livros e a contação de histórias fossem um deleite também para as crianças negras, que muitas vezes não se veem protagonizadas nas histórias. Isso permitiu a verificação de que expressiva parcela das crianças não possui contato com histórias de personagens negros que favoreçam a elevação de sua estima, constatando-se que elas não contam com esse tipo de acervo em casa e muito menos na escola.

Sabe-se que a leitura e interpretação de textos significativos pode ser considerada área fundamental para os grandes avanços tecnológicos na esfera educativa. Estando estas ligadas às necessidades da vida humana, visto que se tornam cada vez mais necessárias para a compreensão dos fatos da vida através da comunicação pela dramatização, uso da imaginação e de interpretação do cotidiano, aspectos que são muito comuns de serem observados na Educação Infantil.

O racismo é um problema estrutural que atinge a sociedade ao longo dos anos, que foi insuflado entre os séculos XVI e XVIII diante da visão eurocentrista da realidade. Essa ideia de que a Europa é o centro da cultura mundial transmite a impressão de que os países que fazem parte desse continente seriam os "mais aptos" a alcançar a prosperidade, colocando as pessoas brancas no patamar de superiores em relação aos povos indígenas e negros. Carvalho (2018) destaca que as relações raciais na sociedade moderna foram pautadas pela exploração de trabalho escravo, sendo alimentadas pelo discurso sedutor de progresso e desenvolvimento civilizatório, que tinha como objetivo principal a acumulação de riquezas. Isso fez com que:

> (...) a análise do colonizador desprezasse algumas dimensões – como a servidão e extermínio da população indígena e a exploração do trabalho escravo dos "africanos" também conhecidos por "negro" – que foram parte estrutural do processo de acumulação primitiva e propiciou o desenvolvimento das forças produtivas para o desenvolvimento da indústria dos países centrais, por meio do sequestro e da escravização de diversos grupos étnicos "africanos", considerados por eles inferiores, por uma divisão racial do trabalho, portanto, dignos de serem usados como meio para seus fins no projeto colonial-imperialista (CARVALHO, 2018, p. 299-300).

Essa perspectiva colonial reforçou por muito tempo os valores eurocêntricos de dominação e contribuiu para a naturalização do pensamento racista, que, por sua vez, era considerado "aceitável" e demorou a ser tipificado pela lei como crime. No Brasil, a Lei 7716

do Código Penal passou a considerar como crime qualquer ato de discriminação ou preconceito de cor, raça e religião.

Para que o racismo não se perpetue, é essencial que as pessoas se aprofundem e se conscientizem sobre o assunto. O momento é de valorizar a voz e o lugar de fala de pensadores e autores negros, cujas experiências, vivências e estudos são a principal fonte de conhecimento para compreender, refletir e agir em favor do movimento. Entende-se que não existe local mais adequado do que a escola para trabalhar temas com enfoques sociais e sua contribuição é valorosa para que a criança entenda a importância do respeito, da aceitação e tolerância. Como disse Paulo Freire (2005, p. 84): "a educação não transforma o mundo, ela transforma as pessoas e as pessoas transformam o mundo".

Entende-se que a incidência de opiniões ou sentimentos hostis são motivados pela ignorância em relação a um determinado assunto, grupo ou pessoa. O indivíduo não pode ser rejeitado, desvalorizado ou maltratado por sua origem, raça ou religião e as consequências geradas por esse tipo de comportamento foi o que impulsionou a abordagem em sala de aula da Educação Infantil.

A caracterização do problema contou com a busca de teses e dissertações de pesquisa que se relacionassem com os seguintes termos: contação de histórias, educação infantil, protagonismo negro e tecnologias digitais. Além de contar com documentos oficiais nacionais e internacionais, em artigos online e obras sobre literatura infantil.

A construção do referencial teórico foi pautado inicialmente pelos seguintes trabalhos que foram analisados pela autora: "A Representatividade Negra na Literatura Infantil: dentro da sala de aula" (2018) de Gabriela Tavares Sousa; "A contação de histórias na era digital" (2021) das professoras Neuza Tamanho e Nathalie Assunção Minuzzi; "A importância de contar história na educação infantil" (2017), das autoras Patrícia Evellyn Costa e Janete Santa Maria Ribeiro.

A análise de estudos e produções dos autores acima permitiu a constatação da diversidade de questionamentos que podem surgir a respeito do tema e que, o assunto deve ser tratado, pesquisado e fomentado com o intuito de oferecer esclarecimentos sobre os caminhos a serem tomados na Educação Infantil. Isto é, desde os anos iniciais da Educação Básica.

As perspectivas apontadas pela BNCC relacionam a importância do contar histórias. O referido documento ainda ressalta a importância das experiências da cultura oral, das múltiplas linguagens e da diversidade de experiências necessárias para promover o desenvolvimento e a aprendizagem infantil. Esse documento tem como proposta a

aprendizagem significativa, além de oferecer à criança novas possibilidades de estar em contato direto com a literatura infantil - seja no ensino remoto ou presencial – através do uso das novas tecnologias.

A literatura contemporânea aponta novas possibilidades a serem consideradas para o ensino e aprendizagem da literatura durante a infância, pois nesta fase a criança desenvolve hábitos e interações que influenciam sua formação humana e cidadã, tendo influência no desenvolvimento da oralidade, da comunicação, expressão e das relações sociais no processo de ensino-aprendizagem.

1.4 Questão Norteadora

Compreende-se a urgência de educar as crianças a aceitarem a diversidade, porém essa não é uma tarefa fácil em um país racista. A falta de representatividade faz com que a criança negra tenha poucas opções onde possa se espelhar para elaborar a própria identidade. Essa diferença entre a criança negra e a não-negra tem como resultado a escassez do leque de oferta de identificação, visto que se pode encontrar pessoas brancas “nas mais diferentes formas, papéis e jeitos, o que compensa uma ou outra desqualificação. " O mesmo não acontece para a criança negra, que encontra imagens poucas dignas para se reconhecer (...)” (MUNANGA, 2005, p. 109).

Para as crianças negras, a busca da ancestralidade e o fato de se sentirem representadas nas páginas de um livro e nas estantes de uma biblioteca dão à elas a oportunidade de reconhecerem-se e de elevar sua autoestima.

Para as crianças não-negras o contato com as histórias, os personagens e as autorias negras permite que estas desenvolvam relações de respeito e afeto, impedindo que essas entendam os corpos, as subjetividades e as vidas negras como inferior. A partir do momento que se consegue engajar todos na questão racial, inclusive percebendo seus lugares de fala e de cala, a escola se volta para um olhar mais crítico e responsável em relação a um problema que ceifa tantas vidas, como o racismo.

1.5 Justificativa/Relevância

A realização do estudo se torna relevante já que a equipe da escola, inclusive a pesquisadora, pode refletir sobre as diversas metodologias que podem ser aplicadas em uma escola de educação infantil. Isso possibilitou o enriquecimento das atividades lúdicas com

foco na literatura infantil de protagonismo negro e a criação de repertórios que pudessem facilitar a formação de leitores. Entende-se que a criação de um espaço regular de programa de leitura, seja ele digital ou físico, poderá ser consolidada nos anos posteriores à pesquisa.

A aprovação do Projeto de Pesquisa possibilitou a criação de um ambiente que favoreceu a busca de literaturas antirracistas que se mostrassem pertinentes para o público-alvo de um Núcleo Avançado de Educação Infantil, local onde a pesquisadora trabalha e a implementação da Lei 10639/03.

A pesquisa de literaturas com viés de matriz africana se deu por meio do curso de Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação (MPNTDE) da Universidade UniCarioca, que ofereceu caminhos para compreensão e escolha de melhores soluções para os desafios que surgem na implementação de uma nova cultura literária na escola.

Os objetivos do MPNTDE e a solução do problema de pesquisa conectaram-se à necessidade de apresentação de literaturas, aspecto que também foi reafirmado pelos estudos exploratórios, que revelou a escassez de livros infantis com temas ligados a cultura afro-brasileira e a falta de Políticas Públicas do Município para esse fim. A inexistência de acervo na escola e em casa, levou muitas vezes, a própria professora criar as histórias ou adquirir outros materiais dentro desse viés com os próprios recursos financeiros.

1.6 Objetivos

1.6.1 Objetivo Geral

Proporcionar uma metodologia que estimule a formação de leitores na Educação Infantil, contemplando o protagonismo de crianças negras, a partir das tecnologias digitais.

1.6.2 Objetivos Específicos

▪ Identificar literaturas de protagonismo negro e ferramentas tecnológicas que favoreçam o processo de formação de leitores;

▪ Elaborar Sequências Didáticas que desenvolvam a construção da identidade a partir do reconhecimento positivo das características físicas e culturais das crianças negras por meio de literaturas pertinentes;

▪ Criar um e-book para registrar o processo de produção das crianças a partir de uma história criada por elas;

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Brasil, considerado mundialmente como o país do futebol, do carnaval, do samba, da caipirinha, do acarajé e da feijoada. Um local que possui paisagens belíssimas, praias espetaculares e representações culturais múltiplas[3], ricas e tradições religiosas ancoradas na devoção e no sincretismo[4], constituídas por influência de outros povos: tradicionais e estrangeiros. Esse é um povo batalhador, que convive com as adversidades e possui uma maneira peculiar de construir e perceber a realidade em que vive.

Para o antropólogo Roberto DaMatta a brasilidade é um estilo de vida que pode ser identificado através dos mínimos e mais variados gestos e isso permite que o indivíduo passe a se reconhecer como brasileiro. O que fundamenta essa identidade é o jeitinho particular que o brasileiro tem de driblar: "(...) a lei e a hierarquia velada pela cordialidade (...) no culto à ordem e na malandragem, no trabalho duro e na preguiça (...)". (DAMATTA, 2001, p. 6).

Apesar de ser visto em outros países como acolhedor, cordial e simpático, o brasileiro costuma reproduzir ainda hoje comportamentos, costumes, posturas e ideias que surgiram no período colonial, herdados da sociedade escravocrata. Esse foi um dos capítulos mais longos (durou 300 anos) e tristes da história do Brasil, que impunha de forma violenta, dura e cruel um regime de trabalho exaustivo e desumano para os cativos. Conforme pode ser percebido nesse relato:

> Vi senhores enforcarem seus escravos como castigo. Cortarem suas mãos no garimpo por roubarem um diamante. Acudi uma mulher que incendiou o próprio corpo por não querer ser mais cativa de seu senhor. Mulheres que retiravam seus

[3] Segundo Conceição Evaristo (2009, p. 18-19): o corpo negro teve sua integridade física violada durante séculos, "interditado em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil".

[4] A religião sofreu influencia das heranças africanas: "que se acham presentes, tanto na fé celebrativa de uma teogonia e de uma cosmogonia negro-africanas, quanto no Candomblé e também nas formas religiosas travestidas de um sincretismo como na Umbanda, em que as divindades africanas, aparentemente encobertas pelas imagens cristãs, se atualizam como memórias não apagadas de uma fé ancestral. E mesmo no Catolicismo, percebe-se que mitos cristãos como Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Santo Antônio de Categeró, Escrava Anastácia, dentre outros, foram apropriados pelos africanos escravizados e seus descendentes, tornando-se cúmplices e protetores do povo negro. Nota-se, ainda, que apesar desses mitos encarnarem uma santidade católica, os rituais celebrativos a eles dedicados são marcados por posturas africanas de explicitação da fé. Canta-se, dança-se, cuida-se da indumentária, participa-se da festa, pois tudo se converte em modos de se interagir com o divino" (EVARISTO, 2009, p. 18-19).

> filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos. (...) Mulheres que enlouqueceram porque as separaram dos filhos, que seriam vendidos. Vi um senhor cruel deitar com mulheres negras e abandonar seus corpos castigados à morte, como se quisesse expurgar o mal que o fazia cair. Outro fez do corpo de seu escravo um reparo para o barco imprestável em que navegava. Entrava água na embarcação. O barco chegou ao seu destino com o homem afogado. (...) morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 153).

Percebe-se que essa foi a característica histórica de organização que influenciou de maneira robusta a base sociocultural do país e a exploração da mão-de-obra escrava, que para atender os interesses mercantis dos portugueses, passou a ditar como seria estabelecida a vida em sociedade, assim como divisão de classes e os relacionamentos inter-raciais no país.

Um aspecto que agrava esse cenário é o fato do Brasil carregar a triste alcunha de ser o último país a considerar abolir a escravidão em 1888, o que demorou para "libertar os africanos e seus descendentes escravizados" (CAVALLEIRO, 2001, p. 7). Esse passado deixou marcas no tecido e imaginário social brasileiro e, por isso, se faz necessário discutir certos aspectos da escravidão que contribuíram para o surgimento do racismo como uma conduta "aceita" e normalizada, a ponto de se tornar um tabu[5] que por muito tempo embaçou qualquer avanço que se pudesse obter com a abordagem e divulgação ampliada do tema. Deve-se entender que o racismo é um "processo estrutural e histórico que possui uma dinâmica relacionada com as especificidades de cada formação social" (ALMEIDA, 2018, p. 42).

Djamila Ribeiro destaca a importância de tratar a perspectiva histórica que fundamenta a relação existente entre a escravidão e o racismo. Para ela esse ponto se torna nodal para identificar o legado que o período colonial deixou para o país e as consequências desse sistema para os negros[6], que não tiveram acesso a direitos básicos[7] e à distribuição de riquezas[8]. Sabe-se que a escravidão beneficiou "(...) economicamente por toda a história a

[5] Falar de racismo entre os brasileiros é considerado um tabu ou o que Florestan Fernandes chamou de "preconceito de ter preconceito". Essa peculiaridade permite a realização de algumas correlações valiosas à medida que consegue "elucidar o caso do conhecido, dissimulado e disseminado 'racismo à brasileira', com sua manifestação implícita, disfarçada e de difícil discussão" (DAMATTA, 2009, p. 2).

[6] É preciso explicar a origem do uso desse termo que será utilizado ao longo do texto. Sabe-se que os povos africanos são constituídos por diversas etnias, culturas e idiomas que foram "homogeneizados pelo processo colonial e passaram a ser tratados como 'o negro'. Tal categoria foi criada em um processo de discriminação, que visava ao tratamento de seres humanos como mercadoria" (RIBEIRO, 2019, p. 18).

[7] Apesar da educação ser considerada como um direito de todos os cidadãos brasileiros e assegurada pela Constituição do Império de 1824, as pessoas negras escravizadas não podiam frequentar a escola por serem consideradas doentes com moléstias contagiosas. Essa cidadania regida por lei era estendia aos filhos de portugueses nascidos no Brasil e negros libertos. Porém a viabilização desses direitos era condicionada a posses e rendimentos, o que dificultava o acesso à educação para esses últimos (RIBEIRO, 2019).

[8] A Lei de Terras de 1850 proibiu o tráfico negreiro no Brasil - embora tivesse persistido até 1888. A referida lei: "extinguia a apropriação de terras com base na ocupação e dava ao Estado o direito de distribuí-las somente mediante a compra. Dessa maneira, ex-escravizados tinham enormes restrições, pois só quem possuía grandes

população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria (...)" (RIBEIRO, 2019, p.5-6).

Florestan Fernandes entende que as formas socioculturais de racismo que ainda são praticadas pelos brasileiros são uma herança deixada pelo colonialismo e ganharam contornos da sociedade escravista, pois esse sistema econômico era assentado no relacionamento dicotômico do negro com branco em posição de submissão e objetificação: o negro era o serviçal (escravo) e o branco seu dono (o senhor). Este último possuía privilégios que o primeiro não tinha e nem poderia ousar sonhar ou desejar possuir: "como 'coisa' que era e 'fôlego vivo', uma espécie de 'instrumento animado das relações de produção'" (FERNANDES, 2015, p. 61-62).

Friedrich Hegel propõe a dialética do senhor do escravo como metáfora para explicar a relação que costuma ser estabelecida nas lutas de raça e de classes. Enquanto o escravo passou a ser comparado a coisa que o seu senhor possui e tem a função de servi-lo, ocupando o papel de conexão entre seu dono e seu objeto de desejo. O senhor, por sua vez, aparece como a pessoa que domina o escravo e usa sua influência para explorar a força de trabalho dessa população para obter benefícios que estejam voltados para si: "(…) o que o escravo faz é justamente o agir do senhor, para o qual somente é o ser-para-si, a essência: ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o puro agir essencial nessa relação" (HEGEL, 1992, p.131).

O que também agravou esse "dilema racial" no Brasil foi a intencionalidade de excluir os negros de uma sociedade que sempre foi dominada por pessoas brancas. Como disse Carolina de Jesus (2014, p. 60): "(...) o mundo é como o branco quer". A notar o processo de Abolição que não ocorreu de modo a promover a integração dos ex-escravos na sociedade, com o intuito de dar-lhes condições e a garantia do acesso ao direito à terra, uma vida digna e escolaridade. Esse cenário pode ser retratado com similaridade na obra *Torto Arado*, onde o autor revela com maestria as condições sub-humanas de quem vive em condições de trabalho análogo à escravidão:

> Meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores

quantias poderia se tornar proprietário. A lei transformou a terra em mercadoria ao mesmo tempo que facilitou o acesso a antigos latifundiários - embora imigrantes europeus tenham recebido concessões, como a criação de colônias" (RIBEIRO, 2019, p. 6).

> como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo. Como eram bons, por permitirem que plantassem seu próprio arroz e feijão, o quiabo e a abóbora. A batata-doce do café da manhã. "Mas vocês precisam pagar esse pedaço de chão onde plantam seu sustento, o prato que comem, porque saco vazio não fica em pé. Então, vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, mas não pode construir casa de tijolo, nem colocar telha de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. (...) (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 151)

Durante todos esse período os negros viveram sob a égide, vontades e os (des)mandos do senhor, em estado de extrema falta de liberdade, autonomia, dependência econômica e social. Isso fez com que essa população não comungasse ativamente das formas de vida em sociedade organizada - como a família, escola, igreja, etc. - e tivesse o mínimo acesso aos benefícios e espaços que eram ocupados somente pelos brancos.

Além das aparências, essa falta de empenho das autoridades durante a passagem da sociedade escrava para a livre não proveu a mobilidade social, muito menos o reparo aos danos que foram causados durante centenários a essa população. Roberto DaMatta considera que a verdadeira intenção da elite por trás do apoio à libertação dos escravos era "manter o *status quo*, libertando-os juridicamente, mas deixando-os sem condições de libertar-se social e cientificamente" (DAMATTA, 2011, p. 69).

A Lei Áurea trouxe somente a liberdade jurídica, pois os ex-escravos tanto da área urbana como rural (e seus descendentes) continuavam sendo vistos pela sociedade como pessoas inferiores, sem capacidade intelectual, ralés que ocupavam o lugar mais pobre da hierarquia social brasileira. Isso fez com que os negros libertos continuassem a enfrentar o preconceito de grande parcela da sociedade colonial. Para Florestan Fernandes a Abolição "ocorreu em condições injustas do ponto de vista da situação e dos interesses dos escravos. (...). Em consequência, viram-se convertidos em 'párias' da cidade, formando o grosso da população dependente no século XX. (...)" (FERNANDES, 2015, p. 56).

Essa falta de ações públicas foi um fator determinante para o processo de marginalização desses escravos livres e contribuiu – e muito – para a construção de estereótipos[9] no imaginário social do negro enquanto pobre, inculto, criminoso, favelado[10].

[9] Esses estereótipos surgem da própria cultura popular e se tornam fios condutores para a propagação do preconceito. Essas são imagens prontas disponíveis sobre os grupos sociais, imagens que podem ser recuperadas pela simples menção de se pertencer a um determinado grupo. É só espiar o que acontece quando um indivíduo se diz morador de periferia ou praticante de religião de matriz africana (GOFFMAN, 1963 apud CAVALLEIRO, 2014).

[10] Após a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, os negros libertos foram morar em regiões precárias e afastadas dos bairros centrais das cidades do Rio de Janeiro. Entretanto, em 1904, uma grande reforma urbanística inspirada na Paris do século XIX expulsou os pobres para os morros. Por trás do projeto de modernização promovido por Pereira Passos existia uma aura conservadora que não tinha o interesse de tocar no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação (MARINGONI, 2011).

Até mesmo os aspectos da cultura negra passaram a ser discriminados e proibidos, como o samba e a capoeira. O sambista era visto como vagabundo – inclusive preso por vadiagem - e as rodas de capoeira eram vistas como um local de violência e de incentivo à criminalidade.

O que se sabe é que os libertos ficaram à margem na história brasileira e a história do Brasil mostra que os dispositivos legais que à época foram "estabelecidos durante e após a escravidão, contribuem para a manutenção da mentalidade 'Casa-Grande e Senzala' no país em que, nas senzalas e nos quartos de empregada, a cor foi e é negra" (RIBEIRO, 2019, p .6).

Ao promover reflexões sobre o racismo estrutural, Silvio Luiz de Almeida (2018) joga luz acerca das questões que envolvem a construção das noções de raça[11] e racismo. Para o filósofo, a formação social que teve como alicerce a escravidão e o colonialismo – como a brasileira – revela desafios ao país ainda na modernidade, quanto muito se tem falado, pensado e desejado a igualdade racial. Deve-se compreender que os diversos processos formativos dos países foram produzidos por projetos políticos e muitos deles tiveram as classificações raciais como um fator determinante "para definir as hierarquias sociais, a legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento" (ALMEIDA, 2018, p. 43).

Também é preciso olhar para as teorias evolucionistas do século XIX, como o Darwinismo social, a eugenia[12] e o racismo científico, que participaram da construção de um imaginário preconceituoso na sociedade brasileira. Percebe-se que de certa forma, essas ideias influenciaram variadas áreas do conhecimento e disseminaram em forma de discurso acadêmico a ideia da existência de superioridade de uma raça[13] em detrimento da outra, pregando pureza e as qualidades raciais, onde a igualdade entre os homens era definida por conta da hierarquia racial (CAVALLEIRO, 2014).

Esse racismo disfarçado de ciência promoveu a propagação de determinações biológicas ou culturais entre gerações e culminou no processo de normalização do racismo, que passou a ser visto por muitos como "algo aceitável", sutil e mascarado. Esse movimento intelectual de boa linhagem entre médicos, políticos e sociólogos impulsionou a manutenção

[11] A raça foi historicamente elaborada como atributo social e continua sendo usada como um dos critérios mais importantes na distribuição de hierarquia social. Entre linhas, a raça está vinculada fundamentalmente com a ideia de reprodução das classes sociais, sendo a balizadora do processo de distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes, de estratificação social (HASENBALG, 1982, p. 90 apud CAVALLEIRO, 2014).

[12] Entre os entusiastas desse pensamento no Brasil estão: Renato Kehl, Monteiro Lobato e Edgard Roquette-Pinto.

[13] O conceito de raça corresponde a determinantes meramente políticos e isso foi observado durante os eventos da Segunda Guerra Mundial e o genocídio promovido por Hitler na Alemanha nazista (ALMEIDA, 2018).

de práticas racistas, o que passou a justificar o preconceito e promover a discriminação contra pessoas de raças que não poderiam ser consideradas como branca (CAVALLEIRO, 2014).

Essa conduta discriminatória não deve ser endossada em nenhuma circunstância, ainda mais quando ocorre por diferenças biológicas ou culturais. Entende-se que a noção de raça tornou-se um fator político importante que costuma ser usado "para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários" (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Durante o período colonial a sociedade brasileira começou a se tornar mais miscigenada, tornando-se distante de qualquer ideal de pureza, perfeição e brancura promovido pela eugenia. As relações raciais de miscigenação no Brasil era um fato empírico sociológico que incomodava os entusiastas da eugenia, pois tinha o mestiço como "resultado biológico do encontro sexual de brancos, negros e índios" (DAMATTA, 2009, p. 3).

Esse fato começou a causar um certo desconforto entre os eugenistas e foi narrado com visão escatológica e apocalíptica em produções de alguns autores. Os textos mais conhecidos são os do diplomata Joseph Arthur de Gobineau[14] publicados durante a metade do século XIX, neles constava-se que a mestiçagem no Brasil resultava em indivíduos "esteticamente repugnantes". Em sua percepção esse era um caminho sem volta e breve para alcançar o fim de toda a sociedade brasileira entendida a partir de seu processo biológico, sendo fadada a inexistência como povo. DaMatta ressalta ainda a existência de uma verdadeira ojeriza ao mulatismo em certas correntes, originada do contato íntimo, amoroso e da reprodução entre raças. Ele cita Buckle, Couty e Agassiz como os teóricos que mais influenciaram a construção do racismo à brasileira visto que "também revelaram esse medo da mistura e trataram a brasilidade como a característica de um povo todo potencialmente degenerado de híbridos incapazes de criarem alguma coisa forte ou positiva" (DAMATTA, 2001, p. 26).

Essa ascendência mestiça é um processo de ordem social, fruto da escravidão e motivo de mobilidade social vertical, mudança de status, a conquista de posições sociais mais altas ocorria dentro de limites estabelecidos e conforme a conveniência do branco, sendo identificados por meio dos interesses e valores sociais da "raça dominante". O mulato era visto como tipo de pessoas que "preenchiam funções sociais relevantes para a diferenciação e a continuidade da estratificação racial engendrada pela escravidão" (FERNANDES, 2015, p.

[14] Esse controverso escritor e filósofo francês possuía uma relação de grande amizade com Dom Pedro II. Apesar de suas ideias de paradigmas raciais terem sido rejeitadas pelo Imperador, foram influentes nas políticas públicas com abordagem de raça de Raimundo Nina Rodrigues, Oliveira Viana e Silvio Romero durante a República Brasileira.

44). Conforme destaca o autor, a categoria racial do mulato permitiu a criação e disseminação da imagem do "negro de alma branca[15]" como:

> (...) o protótipo do negro leal, devotado ao seu senhor, à sua família e à própria ordem social existente. Embora essa condição pudesse ser, ocasionalmente, rompida no início do processo, nenhum negro ou mulato poderia ter condições de circulação e de mobilidade se não correspondesse a semelhante figurino. (...) A mobilidade eliminou algumas barreiras e restringiu outras apenas para aquela parte da "população de cor" que aceitava o código moral e os interesses inerentes à dominação senhorial. Os êxitos desses círculos humanos não beneficiaram o negro como tal, pois eram tidos como obra da capacidade de imitação e da "boa cepa" ou do "bom exemplo" do próprio branco. Os insucessos, por sua vez, eram atribuídos diretamente à incapacidade residual do negro de igualar-se ao branco. Essas figuras desempenharam, dessa maneira, o papel completo da exceção que confirma a regra. Forneciam as evidências que demonstrariam que o domínio do negro pelo branco é em si mesmo necessário e, em última instância, se fazia em benefício do próprio negro (FERNANDES, 2015, p. 44).

Para além dos limitados mecanismos de ascendência social, a adesão ao trabalho livre após a Abolição permitia que o negro e o mulato tivessem "autonomia" e trabalhassem com certa frequência em funções ligadas a economia de subsistência (pesca, cultivo, colheita e extração). Isso fez com que essa população fosse nivelada ao 'branco' que também possuía menor poder aquisitivo e não tinha classificação social ou título de nobreza. Nesse âmbito, foi-se "formando uma espécie de escória da grande cidade, vendo-se condenados à miséria social mais terrível e degradante" (FERNANDES, 2015, p. 62).

Entretanto, essa universalização não trouxe efeitos que os beneficiassem, visto que foram alocados em atividades rudimentares e em condições e degradações que dela são originadas[16]. Em regra, essa situação passou a não ser favorável para as pessoas incluídas no sistema de ocupações assalariadas, que de certa forma, passaram a ter que enfrentar a competição do emigrante, mão-de-obra importada da Europa e acostumada com a lida do campo. Por isso "as coisas que nem sempre davam certo, me fazia sentir viva e unida, de alguma forma, (...) todos os trabalhadores que padeciam dos mesmos desfavorecimentos" (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 104).

O efeito dessa concorrência foi a piora da posição do negro no cenário das relações de produção e trabalho, tendo como resultado o "baixo número de pessoas que conseguiram se integrar, efetivamente, na sociedade competitiva e nas classes sociais que a compõem" (FERNANDES, 2015, p. 46).

---

[15] Hoje essa expressão é considerada como racismo disfarçado de elogio, que retira do negro toda a sua essência e ancestralidade. Ela transmite a ideia de que o negro precisa se igualar ao branco – mesmo que por dentro - para ser digno, visto como gente que possui personalidade, gostos e preferências.

[16] É nítida a diferença na economia de subsistência, desenvolvimento econômico, industrialização e as barreiras sociais existentes entre os estados do Nordeste (compostos pela população de origem escrava ou mestiça) e do Sul (composto por descendentes de imigrantes) (FERNANDES, 2015).

DaMatta (2001) avaliou em seus estudos a realidade antropológica do Brasil e revelou que as relações raciais estabelecidas aqui, são mais complexas que a mera questão fisiológica de raças. O que passou a instituir uma espécie de racismo que ocorre de forma velada[17] e apresenta conotações morais e políticas. A sociedade brasileira possui uma casta social demasiadamente hierarquizada, onde a posição de cada um se encontra tragicamente ligada à gradação da cor de sua pele.

Entre suas observações, o professor cunhou o mito das três raças (negros, índios e brancos) para caracterizar o ambiente que originou o que chamou de "racismo à brasileira[18]". Esse, por sua vez, foi determinado pela hierarquia da vida em sociedade cunhada pelos portugueses[19] e fixada aos hábitos e costumes dos nativos brasileiros. Para ele, essa ideia passou a unir "a sociedade num plano biológico e natural, domínio unitário, prolongado nos ritos de umbanda, na cordialidade, no carnaval, na comida, na beleza da mulher, na música (...)" (DAMATTA, 2011, p. 70).

O mito das três raças é assentado na consciência coletiva de que o povo brasileiro é formado por um triângulo racial que se complementa. Desta forma, esse fato se exprime na sugestão de que a brasilidade não existe sem negros, índios ou brancos. Esse sistema admite uma gradação complexa entre etnias onde o branco é apresentado em condição de superioridade em relação aos negros e indígenas[20], porém esses aspectos não se estabelecem de maneira simples e linear, como ocorre com os estadunidenses[21]. Essa ideologia brasileira

[17] O mito das três raças permite a efetividade da prática de uma espécie de preconceito velado, pois em uma "sociedade onde não há igualdade entre as pessoas" essa é a "forma mais eficiente de discriminar pessoas de cor, desde que elas fiquem no seu lugar e 'saibam' qual ele é" (DAMATTA, 2001, p. 31).

[18] No Brasil o racismo é condenado sem ressalvas, revelando-se no mal que se torna mais degradante para quem o pratica do que para a vítima. Esse pensamento alimenta a sensação de liberdade para preservar os antigos ajustamentos discriminatórios e preconceituosos. Sendo visto como intocável, desde que se mantenha o decoro e suas manifestações possam ser encobertas ou dissimuladas. Apresenta contornos íntimos, algo que subsiste no "recesso do lar"; ou se associa a "imposições" decorrentes do modo de ser dos agentes ou do seu estilo de vida, pelos quais eles "tem o dever de zelar" (FERNANDES, 2015, p. 41-42).

[19] Classificar as pessoas como índios ou escravos negros foi um método para justificar sua desumanidade, invisibilidade e coisificação, não inclusão desse indivíduo como membro social. Os colonizadores anglo-europeus perceberam a utilização dessas nomenclaturas como forma de "representação de identidade e ponto de referência para legitimizar a distinção e a superioridade, assegurando assim sua posição de privilégio" (CAVALLEIRO, 2001, p. 13).

[20] No Brasil todas as etnias mantinham contato. O branco prevalecia em posição de superioridade política e social que sempre foi resguardada pela engrenagem do sistema. O branco "está sempre unido e em cima, enquanto que o negro e o índio formam as duas pernas da sociedade brasileira, estando sempre embaixo e sendo sistematicamente abrangidos (ou emoldurados) pelo branco" (DAMATTA, 2011, p. 82).

[21] Segundo DaMatta (2022, p. 63) "ou você é índio ou negro ou não é". O mestiço era considerado indesejável, ralé. Enxergava-se alguns pontos positivos nas demais cores e raças, mas não se "aceitava de forma alguma a mistura entre elas" (DAMATTA, 2011, p. 77). A libertação dos escravos se tornou um grande problema, "pois o caminho americano para convivência entre as raças em um país que pregava a igualdade foi a segregação. Todos tinham direitos iguais, porém, negros e índios eram socialmente separados dos brancos" (DAMATTA, 2011, p. 82).

entende que as etnias são desiguais, mas se complementam de modo a compensar “o que falta em uma, existe de sobra na outra” (DAMATTA, 2009, p. 3).

Essa relação complementar costuma ser utilizada para endossar um elo ideológico pautado no controle e exploração, fazendo surgir entre essas pessoas uma relação que passa a ser estabelecida dentro de uma perspectiva compensatória: a exemplo da justificativa para exploração do negro em postos de trabalho, exercendo atividades subalternas por estes possuírem qualidades ausentes dos brancos, como força, vigor e resistência (DAMATTA, 2009). Entende-se que essa é uma maneira velada de ocultar “uma sociedade que ainda não se sabe hierarquizada e dividida entre múltiplas possibilidades de classificação”. Como resultado desse cenário, "o racismo à brasileira" torna a injustiça em algo tolerável e a diferença em uma questão que necessita de tempo e amor” (DAMATTA, 2001, p. 32).

Kabengele Munanga, pensador e professor, explica que o racismo brasileiro precisa ser compreendido a partir da comparação com outras experiências, como no caso dos Estados Unidos, onde era explícito e institucionalizado por leis e práticas oficiais que foram implementadas na primeira metade do século XX (RIBEIRO, 2019, p. 12). O sociólogo Oracy Nogueira, um reconhecido estudioso de sistemas raciais, identificou um aspecto contrastante entre esses dois países, pois enquanto no Brasil ocorre o preconceito “de marca” nos Estados Unidos existe o “de origem ” (DAMATTA, 2009, p. 4). Silvio Luiz de Almeida (2018) sugere que a compreensão dessas diferenças entre os distintos modos de classificação racial no Brasil e Estados Unidos permite a identificação de determinados aspectos sobre as mistificações – ou a falta dela:

> (...) no Brasil, além da aparência física de ascendência africana, o pertencimento de classe é explicitado na capacidade de consumo e na circulação social. Assim, a possibilidade de “transitar” em direção a uma estética relacionada à branquitude somada aos hábitos de consumo da classe média pode fazer de alguém racialmente “branco”. O mesmo não acontece nos Estados Unidos, cujo processo de classificação racial, no bojo do processo de formação nacional conduziu o país a uma lógica distinta no que se refere à constituição identitária (ALMEIDA, 2018, p. 43).

Esse estilo de relacionamento racial amparado pela graduação de cor determinou uma classificação étnica do Brasil que se mostra complexa e inexata. Essa determinação foi indicada por Oracy Nogueira como um sistema preconceituoso que é respaldado pelo contexto, o que permite diversas classificações raciais para a mesma pessoa, causando insegurança no indivíduo em relação a sua identidade social básica. Desta forma, o racismo se manifesta com um *modus operandi* camuflado e permite que seja dada ou retirada a

ancestralidade de qualquer pessoa que deixe de agir conforme o código social implícito (DAMATTA, 2009, p. 4).

O sociólogo Jessé Souza (2021) cita no livro *Como o racismo criou o Brasil*, que a brasilidade é uma identidade que pertence a um país que possui uma história essencialmente racista e possibilita a utilização de muitas máscaras sob as quais o preconceito se esconde[22]. Para ele, torna-se urgente conhecer a gênese do racismo, sua definição, formas de manutenção, práticas, reprodução e quais são os frutos dessa semente ruim na vida da vítima.

Percebe-se que grande parte dos estudos que são realizados sobre o tema se reduz à mera comprovação da existência do racismo. Essa comprovação se torna viável – mas não é fundamental -, já que as estatísticas tornam nítida a injustiça social da qual eles precisam conviver, lutar e seguir na contramão para mudar: os negros são maioria na parcela de pessoas encarceradas[23], possuem a renda mais baixa[24] e enfrentam maiores dificuldades para encontrar emprego, ascender na carreira e na vida acadêmica (SOUZA, 2021).

Aproveitando o ensejo, Davis (2016) propõe reflexões profundas e refinadas acerca do enfrentamento da questão de raça e classe por meio da compreensão do abolicionismo penal. Para ela, a abordagem desse tema possibilita o entendimento dos fatores que contribuem para o encarceramento em massa da população negra e como ele se tornou um elemento estruturante de opressão social, mostrando-se como mecanismo de controle e dominação.

A ativista declara a importância de questionar a problemática da ótica punitivista e sugere que a mera adesão a essa lógica não colabora para o encontro de soluções efetivas para combater à violência, visto que "o sujeito negro foi aquele construído como violento e perigoso, inclusive a mulher negra, cada vez mais encarcerada". (DAVIS, 2016, p. 18).

Apesar desses estudos provarem de forma empírica um aspecto que muitos grupos sociais consideram como discurso exagerado, eles não se aprofundam na explicação da gênese do racismo, como ele funciona, as máscaras que ele assume para sobreviver ou ser replicado e, o essencial: o resultado que ele produz na vida de quem sofre esse mal (SOUZA, 2021).

O racismo pode ocorrer por diversas formas e assumir múltiplas máscaras, muitas escondidas pelo discurso de "moralismo anticorrupção" ou de "guerra contra o crime". Como

[22] O racismo e suas práticas discriminatórias encontram-se em constante processo de atualização e manutenção e, portanto, o seu funcionamento deve ser compreendido, inclusive pelos brancos. Para Kabengele Munanga, o "brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros e brasileiras, vítimas e não vítimas [do racismo]" (RIBEIRO, 2019, p. 9).

[23] É acentuada a desigualdade racial no sistema prisional, a proporção de negros no sistema carcerário em 15 anos cresceu 14%, enquanto a de brancos diminuiu 19%. Hoje, de cada três presos, dois são negros. (ACAYABA; REIS, 2020).

[24] Em 10% da população com menor rendimento per capita, os negros representam 75,2%, enquanto os brancos eram 23,7% (MADEIRO, 2019).

consequência, elas promovem a normalização de práticas discriminatórias e colaboram para a manutenção e o agravamento desse problema no país (SOUZA, 2021).

Por fazer parte de um dos grupos sociais que constitui maioria na parcela da população brasileira, passou-se a gerar uma consciência coletiva de que todos os negros estão vinculados de alguma forma pela cor da pele ou pelo histórico da escravidão. Isso também colaborou para transformá-los em ralé na estrutura social brasileira ou colocá-los no patamar de subcidadão.

A partir desse ponto, o racismo passou a determinar o controle da vida em sociedade com a construção de uma classe e/ou raça composta por uma "ralé de novos escravos". Isso permitiu a compreensão de como a sociedade brasileira, que é composta por sua maioria de negros, encontrou no racismo e na ideia de superioridade o apoio para a realização de todo o tipo de perversidade, como ações motivadas para a opressão, exploração, humilhação, cuspindo, agredindo e até matando o negro sem que se tenha qualquer comoção social (SOUZA, 2021).

O negro passou a ser visto como parte de uma classe e/ou raça subalterna que foi construída para que todas as outras possam se sentir superiores, ajudando a endossar, normalizar e legitimar a desigualdade racial, o que torna a conivência em sociedade difícil e perversa para essas pessoas (SOUZA, 2021).

Esses indivíduos foram e são constantemente submetidos às imposições de uma estrutura social que se tornou essencialmente racista, onde "o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem (...)" (ALMEIDA, 2018, p. 53).

A branquitude[25] vinculado ao conceito de privilégio branco é um termo que começou a ganhar mais espaço nas discussões acadêmicas nos anos 2000 e passou a ser um dos indicadores mais utilizados para entender os fenômenos raciais, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. Essa é uma esfera de privilégios que a pessoa branca passa a gozar naturalmente a partir do momento em que nasce, como não ser parado sempre que passa por uma viatura policial, ser seguido por seguranças em um supermercado ou loja de conveniência ou tratado com desconfiança. A exemplo do que ocorreu com George Floyd que foi morto por policiais durante uma abordagem em Minneapolis, Estados Unidos ou um caso

[25] Ela pode ser entendida como fruto da forma sócio histórica de construção da consciência social que foi promovida pelo colonialismo e ainda permanece nas relações capitalistas. Sendo compreendida pelas relações emergentes entre grupos dominantes e subordinados (CAVALLEIRO, 2001).

mais próximo, o de João Alberto Silveira Freitas que foi espancado até a morte por seguranças de um supermercado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

A visualização dos vídeos desses crimes permite a identificação de um ponto convergente que une esses dois homens e que os colocou nesse tipo de situação: a cor da pele. Essas e outras situações discriminatórias escancaram como a cor da pele[26] determina as oportunidades que a pessoa terá no percurso da vida e a blindagem que a beneficiará em situações que envolvem preconceito, discriminação e violência.

A intensidade dos conflitos raciais no Brasil se revela em situações onde negros passam a ser hostilizados simplesmente por circular em ambientes que são considerados reservados para brancos. A dificuldade está em sair para fazer um passeio, tomar um café, fazer compras ou conversar sem ser discriminado.

O último acontecimento que ganhou repercussão nacional foi com a professora que estava com o sobrinho em uma cafeteria de um Shopping do Rio de Janeiro, localizado em uma região que tem entre seus moradores pessoas de alto poder aquisitivo. A permanência de duas pessoas negras no estabelecimento incomodou um homem que começou a gritar ameaças e ou ofensas racistas para os dois. O que mais choca é o fato das pessoas que presenciaram a cena não se mobilizarem para atender o pedido de ajuda dos dois, o que possivelmente não ocorreria se a violência fosse contra uma pessoa branca.

No relato de sua denúncia, a professora diz ainda que foi questionada por uma pessoa branca sobre o que eles teriam feito ao homem para ele reagir daquela maneira e teve que ouvir de uma testemunha que não existia racismo no Brasil. Entende-se que essa fala foi instigada pela falsa ilusão de democracia racial, que por sua vez, promove o silenciamento das pessoas quando presenciam casos como este. Florestan Fernandes (2015) enfatiza a falta de consistência desse discurso de democracia racial, e sugere que essa mensagem perde ainda mais força quando se observa as experiências que os afrodescendentes passam na vida social coletiva.

A perspectiva desse discurso se revela um mito cruel[27], injusto e que apresenta contornos negativos "quando se observa determinados elementos que se mostram

[26] Entende-se que o questionamento desse contexto deve estar assentado no "fato dessa experiência ser imposta diante de uma sociedade onde ser branco é uma 'norma'. Ou seja, existe uma noção hegemonicamente estabelecida e legitimada que sugere que quanto mais branca a cor da sua pele for, maior será sua situação de privilégio" (CAVALLEIRO, 2001, p. 11).

[27] Essa ideia "não passa de um mito social criado pela maioria que procura manter os interesses sociais e valores morais dessa maioria. Ele não ajuda o branco a entender a importância de diminuir as formas existentes de resistência à ascensão social do negro, muito menos o negro a ter consciência sobre sua realidade social e necessidade de lutar para modificá-la" (FERNANDES, 2015, p. 60).

potencialmente favoráveis à emergência e à consolidação de uma autêntica democracia racial no Brasil" (FERNANDES, 2015, p. 47).

A psicóloga Maria Aparecida Silva Bento (2002) propõe a existência de um "pacto narcísico da branquitude" que estabelece uma aliança entre brancos para reafirmar um pacto não-verbal de confiança entre si, entre "iguais". Isso induz a construção do pensamento coletivo de superioridade da racialidade branca e reproduz desigualdades raciais. Para ela, a branquitude é um elemento subjetivo, oculto, silencioso que interfere na demanda das relações sociais e que passou a ter sua existência negada para desviar o foco da questão. Seu objetivo é manter e assegurar entre os brancos posições de privilégio:

> (...) O medo da perda desses privilégios, e o da responsabilização pelas desigualdades raciais constituem o substrato psicológico que gera a projeção do branco sobre o negro, carregada de negatividade. O negro é inventado como um "outro" inferior, em contraposição ao branco que se tem e é tido como superior; e esse "outro" é visto como ameaçador. Neste contexto é que se caracteriza a branquitude como um lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade (...) (BENTO, 2002, p. 7).

Existe entre os brancos uma consciência social de relação de confiança que foi forjada na manutenção de privilégios, no silenciamento e na negação dos conflitos raciais. Esse aspecto se revela nos métodos utilizados para a "interdição de negros em espaço de poder, pelo permanente esforço de exclusão moral, afetiva, econômica, política dos negros, no universo social" (BENTO, 2002, p. 7).

A branquitude possui grande impacto nas relações raciais e "demarca concepções ideológicas, práticas sociais e formação cultural, que são identificadas com e para brancos como de ordem 'branca' e, por consequência, socialmente hegemônicas" (CAVALLEIRO, 2001, p. 11). Essa manutenção de privilégios também contribui - e muito - para o aumento das desigualdades raciais, visto que esse pacto narcísico da branquitude e essa relação de confiança "entre iguais" acaba alimentando o pensamento coletivo de que os negros devem ser submissos, subjugados, ocupando somente os espaços subalternos[28] e de servidão, tendo que dormir no quartinho dos fundos e frequentar o elevador de serviço. Segundo Angela

[28] O brasileiro se acostumou a ver negros fora dos escritórios de advocacia, tribunais, parlamentos, cursos de medicina, do papel de protagonista em novelas, capas de revista, bancadas dos telejornais. Ocorrendo uma espécie de normalização da presença dessas pessoas ocupando espaços de trabalhos subalternos, em muitos casos em condições precárias e insalubres, encarceradas em presídios ou em condição de rua. Almeida (2018) sugere que essa lógica pode ser compreendida quando se passa a entender o racismo como um processo político e histórico, que promove a construção de subjetividades e práticas sociais.

Davis (2016, p. 109): “a definição tautológica de pessoas negras como serviçais é, de fato, um dos artifícios essenciais da ideologia racista”.

Costuma-se imaginar negros exercendo cargos de balconista, doméstica[29], cozinheiro, lixeiro, porteiro e para o branco são reservadas carreiras de médico, dentista, professor, advogado, cargos de alta direção e comando em empresas e órgãos governamentais. Silvio Luiz de Almeida, professor e advogado negro, confirma essa teoria quando destaca suas observações ao transitar em ambientes condicionantes para o exercício de sua profissão e que costumam ser dominados pelos brancos: “percebi que, na grande maioria das vezes, era uma das poucas, senão a única pessoa negra nestes lugares na condição de advogado e de professor (...).” (ALMEIDA, 2018, p. 47).

Essa realidade comprova os estereótipos da condição do negro na sociedade que foram fixados no imaginário social desde o período colonial, eles serviçais e trabalhadores do campo, elas eram cozinheiras e amas de menino. É dessa época também a compreensão de que as mulheres negras serviriam somente para executar afazeres domésticos, pensamento que resiste até os dias atuais. Isso está tão intrincado nas relações sociais que se passou a preferir as negras em detrimento das brancas para a função de babá, cozinheira e doméstica. Isso foi durante muito tempo endossado pela “literatura e meios de comunicação que fornecem numerosos estereótipos da mulher negra como serviçal resistente e confiável” (DAVIS, 2016, p. 109).

Essa é uma face substancial do racismo que fez surgir elevadas taxas de desemprego entre as mulheres negras. Por falta de opção de trabalho e tendo que sustentar os filhos, muitas “passaram a ter que cumprir as tarefas de sua própria casa e também os afazeres domésticos de outras mulheres”. Era comum que a doméstica abrisse mão da convivência familiar e da educação de seus filhos para atender as demandas do trabalho extenuante na casa da mulher branca. Essas mulheres “eram convocadas a serem mães e esposas substitutas em milhões de casas de famílias brancas” (DAVIS, 2016, p. 250).

Outra herança histórica racista foi o direito[30] de propriedade incontestável que o homem branco – especialmente os que possuíam alto poder aquisitivo - criou para ter acesso

[29] A escolha da negra para ama de menino foi um costume trazido de Portugal e que foi transmitido as brasileiras, dada a impossibilidade física das mães de atenderem a esse primeiro dever de maternidade. Isso ocorreu porque as mulheres “se casavam antes do tempo; algumas fisicamente incapazes de ser mães em toda a plenitude. Casadas, sucediam-se nelas os partos. Um filho atrás do outro. Um doloroso e contínuo esforço de multiplicação (...)” (FREYRE, 2003, p. 229).

[30] Esse direito sobre o corpo das negras passou a ser alegado pelos senhores como expressão direta de seu suposto direito de propriedade sobre todas as pessoas negras. A partir daí, o branco passou a ter “licença para estuprar” como resultado “da cruel dominação econômica e era por ela facilitada, como marca grotesca da escravidão” (DAVIS, 2016, p. 191).

ao corpo das mulheres negras. Essa é uma prática de abusos que mais marcou o período da escravidão, que era "sustentada tanto pela rotina do abuso sexual quanto no tronco e no açoite" (DAVIS, 2016, p. 191).

Essa concepção de que os homens brancos deveriam ter a liberdade e o direito de saciar seus impulsos sexuais excessivos com mulheres negras é um aspecto sádico que surgiu na época que os senhores abusavam das escravas para mostrar o poder vigente nessas relações de controle e submissão onde as circunstâncias eram sempre desfavoráveis à mulher. Isso contribuiu para que a institucionalização do estupro ocorresse desde o período colonial (DAVIS, 2016, p. 191).

Gilberto Freyre ilustra que essa interação sexual entre raças não era consentida por uma das partes em *Casa Grande & Senzala*. Seu relato destaca uma pitada de sadismo do branco ao forçar relações sexuais com: "(...) as mulheres das raças submetidas ao seu domínio. O furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo (...)". (FREYRE, 2003, p. 56).

Até aqui, pode-se perceber como a história do Brasil permitiu o surgimento do racismo à brasileira, assentado nas relações de domínio e poder que foram forjadas pela escravidão e alimentaram a consciência social coletiva de superioridade[31] da racialidade branca fazendo surgir um pacto não-falado de proteção entre iguais.

Essa esfera de privilégios constituído pela branquitude dificultou a inserção dos negros na sociedade mesmo depois da Abolição. A liberdade era jurídica, mas não prezava a garantia de condições mínimas de sobrevivência, o que empurrou ex-escravos para a marginalização, passando a serem cada vez mais excluídos da vida social, econômica e educativa do país. Ao negro foi reservado o lugar de subcidadão, alguém desprovido de cidadania e incapaz de ascender na vida.

Esse legado do colonialismo não trouxe bons resultados para as relações raciais e instituiu um racismo velado, silencioso e camuflado de moralidade e conservadorismo que ainda permanece nas entranhas socioculturais do Brasil. Hoje, o capitalismo se beneficia das estruturas e relações sociais que foram implementadas durante a escravidão, onde o racismo surge como manifestação das relações de trabalho:

> (...) Isso significa dizer que a desigualdade racial é um elemento constitutivo das relações mercantis e das relações de classe, de tal sorte que a modernização da economia e até seu desenvolvimento também podem representar momentos de

[31] Carolina Maria de Jesus conclui: "O branco se diz superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém" (JESUS, 2014, p. 55).

> adaptação dos parâmetros raciais a novas etapas da acumulação capitalista (ALMEIDA, 2018, p. 144).

Essa desigualdade promovida pelo racismo na vida moderna pode ser identificada no livro *Quarto de despejo*, que reproduz a vida em uma favela de São Paulo na década 1950 pelos relatos escritos no diário[32] de Carolina Maria de Jesus. É impossível não se comover com a vida dura e amarga dessa mulher negra: mãe solo, que não teve a oportunidade de estudar (cursou até o 2º ano do ensino fundamental) e catava lixo para sustentar os filhos. É tentador olhar as dificuldades que surgiam na vida dessa mulher e fazer uma reflexão que a compare com o conteúdo que foi abordado até aqui.

A hipótese é de que a realidade vivida por Maria de Jesus possa ter sido definida pela cor de sua pele, determinando o local de sua moradia, condição e estilo de vida, assim como as mazelas que viriam com ela como a violência, miséria e fome. Para além de generalizações, a vida do negro no Brasil costuma ser repleta de dissabores, constituída de desigualdades, lutas e batalhas tortuosas para alcançar *status* e ocupar espaços que até hoje lhes são recusados. Como disse Maria de Jesus: "O tempo passou, a cidade cresceu, mas a realidade de quem vive na miséria não mudou muito" (JESUS, 2014, p. 6).

2.1 É preciso falar sobre o Racismo

Para início de conversa, deve-se dizer que o racismo é configurado por ações sistemáticas de discriminação e que possuem motivação racialidade, manifestando-se através de práticas, atitudes e posturas conscientes ou não que resultam "em desvantagens ou privilégio para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam" (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Pode-se dizer que esse fenômeno está presente em todos os tipos de relações e precisa ter o seu enfrentamento calcado no entendimento de todos os mitos e fantasmas que encontram-se vinculados à ele (SOUZA, 2021). A compreensão a respeito dos danos causados em quem sofre racismo é a única forma de explicar com eficiência esse problema tão complexo, pois somente desta maneira as pessoas se tornarão capazes de reconhecê-lo como

[32] Para Conceição Evaristo o gesto de uma mulher como ela acredita e inventa para si uma posição de escritora pode ser visto como um atrevimento, uma atitude corajosa, pois "ela rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade (...) Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas (...)" (EVARISTO, 2009, p. 28).

ferramenta de opressão, violência e humilhação social que possui escalas gigantescas (SOUZA, 2021).

Entende-se que o assunto ainda hoje costuma ser tratado com superficialidade e isso não se revela em devida compreensão sobre os aspectos que estão intrincados em práticas racistas, devendo se determinar o lugar de fala de cada envolvido e dar a devida importância quanto a participação de todos na luta antirracista (SOUZA, 2021).

O lugar de fala é um conceito popularizado pela autora Djamila Ribeiro (2017), com a intenção, à época de sua publicação, de ampliar os debates para esclarecer de que forma o *locus* social do indivíduo pode se tornar um determinante na abordagem de assuntos específicos e de como a falta de referências de lugares e espaços diversos costuma contribuir para o esvaziamento do discurso de temas importantes para a sociedade. No caso do racismo é preciso partir:

> (...) de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com as suas experiências em comum. É isso que permite avaliar quanto determinado grupo - dependendo de seu lugar na sociedade - sofre com obstáculos ou é autorizado e favorecido. Dessa forma, ter consciência da prevalência branca nos espaços de poder permite que as pessoas se responsabilizem e tomem atitudes para combater e transformar o perverso sistema racial que estrutura a sociedade brasileira (RIBEIRO, 2019, p. 18).

O racismo, como prática social, faz parte de uma consciência coletiva que reproduz um leque ampliado de falsos valores conservadores e de falsas verdades, isso faz com que o resultado dessas ações sejam comprovadas por essas verdades infundadas (CAVALLEIRO, 2014).

É possível dizer que a crença na ideia de que todo índio é preguiçoso, aborígene ou que todo negro é violento; ou mesmo que toda pessoa árabe-muçulmana é terrorista ou que os judeus são avarentos alimenta uma ideologia racista que justifica o domínio de um determinado grupo sobre o outro. Essas relações de poder são pautadas apenas em atributos negativos que são imputados a cada um e atribui uma discurso de inferioridade que passa a ser legitimado pela cultura dominante (CAVALLEIRO, 2014).

Silvio Luiz de Almeida estabeleceu um conceito de racismo pautado na ideia de algo que é estrutural. Em outras palavras, esse é um elemento que costuma ser determinado pelo modo como a sociedade é organizada, tanto econômica como politicamente. Como parte integrante da estrutura social, o racismo se revela "como a manifestação social e naturalizada, fornecendo sentido, lógica e tecnologia para disseminar formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea" (ALMEIDA, 2018, p. 15).

Existem diversas classificações que foram destrinchadas para explicar o racismo. Entretanto, o primeiro passo para compreendê-lo é considerar expressões que estão vinculadas com essa prática e que se encontram tão presentes no cotidiano, "nas relações interpessoais, na dinâmica das instituições, que são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas estranhas políticas e econômicas da sociedade" (ALMEIDA, 2018, p. 16).

Uma dessas expressões é a discriminação racial que se configura pela busca e atribuição de (des)vantagens as pessoas por conta da raça. Ela é o requisito que fundamenta o manejo de poder, opressão e passa a determinar o método diferenciado com o qual os grupos racialmente identificados serão tratados (ALMEIDA, 2018).

Essa discriminação pode ocorrer de duas maneiras: de forma direta, caracterizada pelo repúdio ostensivo intencional motivado pela raça, como a recusa de estabelecimentos em anteder determinados clientes por conta de etnia, cor, nacionalidade, condição física ou social. Ou indireta, que se mostra sutil no método e desprovida de intencionalidade explícita, por meio de norma (pública ou privada) aparentemente neutra, mas que desfavorece um determinado grupo. O exemplo disso são as empresas que exigem de mulheres candidatas à vaga de emprego a realização de teste de gravidez antes de serem contratadas.

Entende-se que essas práticas possuem consequências que promovem a estratificação social e ocorre de forma intergeracional ao longo do tempo. O que prejudica o percurso de vida dos membros do grupo afetado, "o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material" (ALMEIDA, 2018, p. 26).

Para além da construção de tipologias e categorias desta prática, Jesse Silva defende que o racismo possui fundamentos históricos e deve ser abordado com primazia, pois ele ainda é o elemento que alimenta as relações que são estabelecidas na sociedade brasileira em tempos atuais. Ele pode ser identificado como a grande mola propulsora de desigualdades, violência estrutural, promove alianças e contradições em todos os grupos e classes sociais em luta (SOUZA, 2021). Entende-se que o racismo é um dos maiores responsáveis pelo atraso moral, social e político que castiga o Brasil (SOUZA, 2021).

A branquitude viabilizou o racismo e como fonte geradora de todo o privilégio deve ser vista com olhar crítico. O branco não deve sentir culpa da cor que tem, mas deve ser responsabilizado e chamado a ter uma postura que o leve a ter consciência e se reconhecer como privilegiado, promovendo a adoção de atitudes antirracistas. Djamila sugere que o sentimento de culpa difere da responsabilização, enquanto a primeira leva à inércia e a segunda impulsiona a ação. Dessa forma, "se o primeiro passo é desnaturalizar o olhar

condicionado pelo racismo, o segundo é criar espaços, sobretudo em lugares que pessoas negras não costumam acessar" (RIBEIRO, 2019, p. 18).

2.1.1 Preconceito Racial no Ambiente Escolar

Apesar do tema racismo não ser uma questão nova e fácil de tratar, se encontra envolta em aspectos carregados de complexidade, controvérsias e polêmicas. Sabe-se que a discussão das relações raciais no Brasil é um passo que se torna urgente e necessário para a promoção de uma educação que esteja assentada na igualdade, compromissada com o desenvolvimento do país e do futuro cidadão (CAVALLEIRO, 2014).

O racismo foi alimentado no imaginário social durante décadas, através de ideias, estigmas e estereótipos que são reforçados constantemente por meios de comunicação, pela indústria cultural e também pelo sistema educacional (ALMEIDA, 2018, p. 51). De certo, o ambiente escolar pode reforçar essas percepções racistas por intermédio dos currículos[33], das políticas educacionais, de formação docente e dos livros[34], com a "ausência das tradições africanas e afro-brasileiras, dos costumes, negação da filosofia de vida, da posição no mundo, da humanidade (...)" (CAVALLEIRO, 2001, p. 7). Costuma-se apresentar o negro nos pátios escolares como uma raça que pouco colaborou para o desenvolvimento da história, literatura, ciência, etc. Sendo visto pelos alunos como um povo que "não tem muitas contribuições importantes, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes" (ALMEIDA, 2018, p. 51).

Tanto Djamila Ribeiro como Chimamanda Ngozi Adichie destacam a percepção - desde crianças - de que cultura Ocidental apresenta uma única história do povo africano: a que é contada pelo olhar catastrófico, de superioridade e piedade do homem branco. Sendo negada aos negros a oportunidade de contar suas histórias a partir das próprias experiências e ancestralidade, com a observação da janela e do quintal de suas casas.

Djamila conta que desde a infância foi ensinada – assim como a maioria dos brasileiros - a compreender a história dos africanos a partir do ponto de vista dos vencedores.

[33] Torna-se "indispensável que os currículos e livros escolares estejam isentos de qualquer conteúdo racista ou de intolerância" buscando a reflexão das "contribuições dos diversos grupos étnicos para a formação da nação e da cultura brasileiras" (MUNANGA, 2005, p. 10).

[34] Chimamanda Ngozi Adichie destaca a importância de compreender que as crianças são impressionáveis e vulneráveis quando são expostas a história dos africanos a partir de uma história só, narrada a partir da opinião do homem branco. Ela sugere que as crianças negras passam a não encontrar nos livros elementos dos quais elas possam se identificar (ADICHIE, 2022).

Por muito o negro foi tratado nos livros de História como o povo escravo que aceitou sua condição de subserviência com passividade, sem luta e resistência. Segundo ela:

> (...) fui ensinada que a população negra havia sido escrava e ponto, como se não tivesse existido uma vida anterior nas regiões de onde essas pessoas foram tiradas à força. Disseram-me que a população negra era passiva e que "aceitou" a escravidão sem resistência. Também me contaram que a princesa Isabel havia sido sua grande redentora. (...) O que não me contaram é que o Quilombo dos Palmares, na serra da Barriga, em Alagoas, perdurou por mais de um século, e que se organizaram vários levantes como forma de resistência à escravidão, como a Revolta dos Malês e a Revolta da Chibata. Com o tempo, compreendi que a população negra havia sido escravizada, e não era escrava (...) (RIBEIRO, 2019, p. 5).

As histórias africanas são contadas no Ocidente por meio de uma única perspectiva: a que possui o olhar negativo e faz com que a construção da identidade desse povo seja prejudicada. São produções que relatam casos de exploração, miséria, fome e catástrofes que criam estereótipos e roubam desse grupo a dignidade, jogando luz sobre os aspectos que tornam os africanos diferentes ao invés de acentuar as semelhanças, a humanidade. Entende-se que essa foi:

> (...) uma maneira de excluir a população negra ao desenvolvimento social, mesmo nos livros didáticos e a literatura infantil dá pouca evidência positiva aos personagens negros com reduzida participação, o que dificulta a criação de uma identidade negra entre as crianças e dissemina a discriminação racial, afetando o desenvolvimento e aprendizagem (ROCHA, 2021, p. 11-12).

É como se eles não pudessem ser iguais aos brancos ou se o sentimento menos complexo que eles pudessem despertar nas pessoas era o de piedade. Isso dificultou o estabelecimento "de uma conexão com humanos iguais" (ADICHIE, 2022, p. 2). Sobre esse aspecto, Chimamanda destaca que sua convivência na universidade com uma colega de quarto americana incitou suas reflexões sobre esse olhar animalizado do Ocidente em relação à história da África. Isso a fez repensar como os estereótipos[35] reforçam condutas racistas e discriminatórias, não somente com os africanos mas com outras etnias como a indígena e latina. Ela conclui:

> Se eu não tivesse crescido na Nigéria, e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando em guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por eles mesmos e esperando serem salvos por um estrangeiro branco e gentil (ADICHIE, 2022, p. 2).

[35] Entende-se que o racismo e a ignorância são elementos que se inter-relacionam. Esse fato permite o desenvolvimento de estereótipos e ideias pré-concebidas que se beneficiam da ausência da "informação, se falta o diálogo aberto, arejado, transparente" (MUNANGA, 2005, p. 9).

Desde sempre, o mundo foi revelado aos alunos nas escolas pelo olhar dos brancos, isso fez com que os feitos, lutas, evoluções e conquistas das culturas europeias fossem vistas como magnífico, um ideal a ser alcançado. Djamila destaca um cenário que hoje ela compreende com mais clareza: na época da escola, as suas colegas de classe brancas não "precisavam pensar o lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais". Diferente dela, que era negra e crianças assim "não podem ignorar as violências cotidianas, enquanto as brancas, ao enxergarem o mundo a partir de seus lugares sociais — que é um lugar de privilégio — acabam acreditando que esse é o único mundo possível" (RIBEIRO, 2019, p. 12).

Dentro do ambiente escolar é preciso falar abertamente sobre o racismo e discriminação, sem a necessidade de realizar um discurso pautado em lamúrias, pois o mais importante é dar visibilidade a um tema que tanto atinge crianças e adolescentes brasileiros (CAVALLEIRO, 2001).

Nesses locais os negros são objetos de práticas de escárnio, zombaria, achincalhamento. Pode parecer alarmismo, mas essas práticas são mais comuns em ambientes escolares do que se pressupõe: em 2020, Ndeye Fatou N'diaye, na época com 15 anos, foi vítima de mensagens racistas de colegas da escola em um aplicativo de mensagem. Ela foi ofendida e humilhada simplesmente por ser negra e filha de senegaleses. Entre as ofensas racistas destiladas, estão frases como: "Um negro vale uma bala", "Fede a chorume" e "Escravo não pode. Ela não é gente".

Eliane dos Santos Cavalleiro, autora negra que se aprofundou na questão do racismo e discriminação nos pátios escolares, passou a dedicar-se ainda mais ao tema durante sua experiência com crianças da Educação Infantil. Durante esse período ela notou que crianças negras costumam desenvolver desde cedo uma percepção negativa de autoimagem e em relação ao grupo étnico do qual pertencem. Enquanto isso, as crianças brancas assumem a postura de superioridade, atuando de maneira ativa em situações que permitem a demonstração de atitudes preconceituosas e discriminatórias. O tom ofensivo com que elas apontam as características físicas das crianças negras também contribui para a percepção do caráter de alguém, se positivo ou não, de acordo com a cor da pele (CAVALLEIRO, 2014).

Para a autora existe um silêncio que permite a predominância de práticas discriminatórias na escola. Elas costumam acontecer na frente do professor sem que este tome alguma atitude interventiva. Essa inexistência de postura antirracista pode ser justificada pela

falta de preparo, o que faz com que os professores não se sintam preparados para lidar com tal e, por isso, a maioria prefere optar pelo silêncio (CAVALLEIRO, 2014).

Kabengele Munanga, por sua vez, também prefere acreditar que alguns destes professores pecam em suas ações por falta de preparo. Isso faz com que eles não saibam contornar situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e se utilizar dessa oportunidade para discutir a diversidade em sala de sala e "conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional" (MUNANGA, 2005, p. 15).

Essa falta de tato docente, na maioria dos casos, resulta na prática da política de avestruz, de fingir que nada aconteceu ou no sentimento de pena em relação à vítima, quando na verdade o que se mostra eficaz é que o professor tenha a postura responsável de mostrar para todos os alunos que "a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos", mas configura-se, de certa forma, como "um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral" (MUNANGA, 2005, p. 15). Isso ajudaria o aluno que foi alvo de racismo a ter orgulho de seus traços, passar a se enxergar como um indivíduo que também possui direito à dignidade e entender que os atributos de sua diferença foram instituídos de forma negativa no caldo de cultura brasileiro[36] (MUNANGA, 2005).

Destaca-se que a observação atenciosa das relações interpessoais que são estabelecidas e vivenciadas dentro dos muros da escola deve ser uma constante, ainda mais quando a educação começa a ser entendida como um dos principais vetores de mobilidade, desenvolvimento social e cidadania, permitindo a convivência de todos em uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Conforme conclui o professor Paulo Freire (2005, p. 103), a educação "é um ato político". Esse é um direito que respalda a participação do oprimido na sociedade, com voz ativa para a mudar a própria realidade e transformar a comunidade em que vive.

Juntas, tanto a escola quanto a família são instituições que podem promover oportunidades e privilegiar a construção de espaços voltados para a transformação de ideologias e pensamentos estereotipados sobre determinados aspectos que envolvem a realidade social, como por exemplo, reafirmar a inexistência do mito da democracia racial (CAVALLEIRO, 2014).

[36] A formação cultural do país é marcada pela fusão de etnias e culturas. Portanto, "esse caldo de cultura muitas vezes gera atritos e conflitos em casa, na rua, no trabalho e na escola". (MUNANGA, 2005, p 7).

Esse enraizamento dessa pseudo democracia racial no país naturalizou uma condição histórico-social de subalternidade do negro, construída pelas relações sociais racializadas e hierarquizadas que foram transmitidas entre gerações. Essa ideia privilegiou percepções distorcidas das relações raciais que excluíam "a população negra da vida social" (MOTA, 2021).

Esse mito, por muito tempo na história do país foi o que ancorou subjetivamente as opiniões, práticas e posturas – inclusive dentro das escolas[37] – sobre o racismo. Entende-se que a crença na ideia de democracia racial por certos agentes compromete a função educativa que é de formação dos futuros cidadãos, que estes sejam responsáveis e saibam lidar com as diferenças e a convivência multiétnica. Esse mito reflete no aparecimento de posturas que não denotam algum sentimento de culpa em relação à educação eurocêntrica que ajudou a "reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade" (MUNANGA, 2005, p. 15).

Precisa-se privilegiar nos ambientes escolares a construção de espaços que promovam discussões aprofundadas sobre os problemas sociais que resultam em preconceito e discriminação (CAVALLEIRO, 2014). A falta de práticas voltadas para a conscientização e questionamentos sobre fatores relacionados à convivência multiétnica, quer na família ou escola, pode resultar na formação de indivíduos que passam a reproduzir atitudes, gestos, falas e ações preconceituosas e discriminatórias de forma acrítica. A ausência dessas ações pode colaborar para a absorção de conceitos e ideias engessados que foram baseados, em muitos casos, no comportamento racista de adultos à sua volta (CAVALLEIRO, 2014).

Também é preciso que se promova momentos na escola que contribuam para a reflexão dos professores quanto a importância do engajamento na elaboração de projetos voltados para o combate ao racismo, preconceito e discriminação no ambiente escolar. Assim como os benefícios da educação antirracista para toda a sociedade (CAVALLEIRO, 2001).

Para além de reparar o apagamento do negro do processo de construção histórico-social do país, torna-se urgente reavaliar o papel dessa parcela da população "na construção social, cultural, econômica e política do Brasil (...)" (MOTA, 2021, p. 13).

[37] Sabe-se que "as escolas não são apenas percebidas como instituições sociais que respondem às demandas da sociedade mais ampla, mas refletem e reproduzem o que nesta é veiculado e determinado. Sendo assim, não surpreende o fato de que há racismo e discriminação de todas as formas na escola" (CAVALLEIRO, 2001, p. 12).

2.1.2 A representatividade e o protagonismo de crianças negras

Hoje, as descrições estereotipadas que foram utilizadas por Monteiro Lobato para descrever e caracterizar personagens negros como Tia Anastácia costuma causar um certo desconforto para quem lê suas obras na atualidade, mas nem sempre foi assim. Durante algum tempo as expressões racistas "macaca", "beiçuda", "urubu", "fedorento" foram normalizadas pela sociedade colonialista para se referir ao negro animalizado, tanto na literatura como no trato social.

De certo que Lobato é o caso mais conhecido de racismo na literatura, talvez pelo fato de também ser um reconhecido entusiasta da eugenia. Essa ideia de pureza racial foi defendida fervorosamente em suas obras, a ponto de se empenhar a escrever um romance para divulgar abertamente essa teoria que, para qualquer letrado, se revela nitidamente racista. Entende-se que a literatura também foi um dos métodos utilizados para excluir o negro da sociedade, visto que "a criança e o jovem, historicamente, não se reconhecem nela, há pouca representatividade, quase não há protagonismo que não seja da pessoa branca" (ROCHA, 2021, p. 11).

Basta fazer um movimento para ter empatia e se colocar no lugar de uma criança negra para tentar imaginar o que ela possa sentir ao ler as obras desse autor, que recebeu a alcunha de pai da Literatura Infantil e teve suas ideias racistas divulgadas durante séculos. Sendo ainda hoje visto como referência para a elaboração de planos de aula voltados para a prática de leitura e contação de história.

Como disse Caetano Veloso em uma de suas músicas: "Narciso acha feio o que não é espelho", a falta de representatividade pode fazer com que crianças negras tenham autoestima baixa, encontrando-se sem referências sociais para o fortalecimento de sua identidade e sem motivação para se colocar no lugar de protagonistas da própria história. Evidencia-se que essa "representatividade - ou a falta dela - possui um impacto importante na subjetividade da pessoa negra e pode influenciar diretamente na construção do seu autoconceito, de forma positiva ou negativa" (ROCHA, 2021, p. 37).

Entende-se que a falta de abordagem e debates em ambientes escolares com o intuito de superar as desigualdades raciais impostas pela sociedade e de valorização dos traços negróides pode reforçar a estigmatização dessas crianças. O intuito deve ser evitar comportamentos e atitudes assentadas no preconceito, em não aceitação das diferenças. Djamila relembra suas experiências no ambiente escolar e ressalta que suas características

físicas sempre foram motivo de chacota. Ela costumava ouvir dos outros alunos que era "neguinha feia" e tinha "o cabelo duro". Isso a incomodou a ponto de se tornar um problema e as questões de autoestima a fizeram se adaptar ao "padrão branco" para passar despercebida entre os colegas de escola. Essa situação é vista pela autora hoje com indignação, pois "(...) ser a diferente - o que quer dizer não branca - passou a ser apontado como um defeito (...)" (RIBEIRO, 2019, p. 12).

O processo de auto aceitação do negro é um processo longínquo e envolve a autocrítica profunda sobre a percepção de si e do mundo. Mesmo que esse processo esteja condicionado a fazê-lo perceber "que mesmo quem busca ativamente a consciência racial já compactuou com violências contra grupos oprimidos" (RIBEIRO, 2019, p. 5).

A escola pode contribuir para essa evolução e se tornar um espaço que priorize a promoção da convivência igualitária. O caminho é traçar estratégias que permitem o subsídio de ações que ajudem a elevar a autoestima de alunos negros, criando condições de convivência positiva entre todos (CAVALLEIRO, 2014).

2.2 Literatura Afro-Brasileira

Chimamanda revela que uma janela de possibilidades se abriu e sua percepção de mundo mudou quando descobriu os livros com histórias africanas. Ela disse que passou a perceber que pessoas como ela, "meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos de cavalo, também podiam existir na literatura" (ADICHIE, 2022, p. 1).

A produção da literatura afro-brasileira, aquela que possui personagens e histórias que colocam os negros em condição de protagonismo, é uma questão que tem motivado reflexões diversas. Ela atravessa o negro pela construção de um discurso positivo de etnicidade e uma postura afirmativa em relação as culturas africanas e afro-brasileiras[38]. Conceição Evaristo considera que "corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira" (EVARISTO, 2009, p. 17).

A existência desse discurso literário permite "o ato de fazer, pensar e veicular" o protagonismo negro através de histórias orais, ditados, provérbios que foram herdados de "várias culturas africanas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias

[38] Os textos costumam mostrar "a vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua" (EVARISTO, 2009, p. 27).

africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo" (EVARISTO, 2009, p. 19).

Percebe-se que a utilização desse material nas escolas permite o resgate da memória coletiva do povo africano e das histórias afrodescendentes que foram apagadas por tanto tempo, tornando-se algo que deve interessar não apenas aos alunos negros, mas também "os que possuem outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois costuma receber uma educação envenenada pelos preconceitos" (MUNANGA, 2005, p. 16).

Silva, Moore e Trindade também trazem a literatura como uma proposta de rompimento de barreiras na construção de um ambiente antirracista. Sendo a escola, um núcleo de reflexões, conhecimentos e aprendizados, precisa, de forma mais efetiva, enfrentar o desafio de preparar os sujeitos para torná-los mais suscetíveis ao apelo da sociedade por condições de vida mais justa ou menos desigual.

Munanga (2000) salienta que, ao abrir os livros, a criança lê a história de outros povos e não vê a sua. Ali estão outros povos - portugueses, italianos, japoneses, holandeses. Assim, a dedução dessa criança vai ser de que não faz parte da história, logo, não pertence à humanidade.

Essas contribuições fundamentam a pesquisa realizada de como as crianças constroem a sua identidade, reforçando que, em muitos casos, a falta de referência positiva na vida da criança faz com que ela chegue à fase adulta com total rejeição à sua origem racial. Proporcionar a elas o acesso a uma literatura que problematize o racismo, enfatize possibilidades de ser o que desejar e que mostre as inúmeras formas de estar no mundo é um caminho na luta antirracista. Recursos como as novas tecnologias digitais, podem ser aliados importantes nesse momento, visto que estão atrelados a rotina diária dessa nova geração.

2.3 A educação e as novas tecnologias digitais

A tecnologia tornou-se onipresente no cotidiano das crianças. Seja para brincar, entretenimento ou comunicação, o uso de computadores e dispositivos móveis começa cada vez mais cedo. Os alunos de hoje fazem parte de uma geração conectada ao mundo digital. Nesse contexto, a inserção de ferramentas tecnológicas no ambiente escolar pode potencializar o processo de ensino, garantindo uma prática pedagógica mais interativa e dinâmica.

O processo educativo precisa ser construído através de uma relação com o uso das tecnologias. É preciso, que as relações do aprender e do ensinar rompam com paradigmas

criados ao longo das décadas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incentiva a modernização dos processos educacionais e das práticas pedagógicas com o objetivo de formar as habilidades e competências necessárias para o século XXI.

Duas das dez Competências Gerais determinadas pela BNCC – que devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo de todos os anos da Educação Básica – estão relacionadas ao uso da tecnologia. São elas:

> Competência 5: "Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva".
> Competência 4: "Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo." (BNCC, 2018.).

Assim, além de incentivar a construção de significados sobre si, os outros e o mundo social e natural, é preciso considerar os conhecimentos de diferentes linguagens e modalidades. Isso quer dizer que as práticas pedagógicas devem também estimular os usos da tecnologia e recursos digitais para a construção de aprendizados significativos.

3. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos da pesquisa, o trabalho foi desenvolvido em duas etapas: o estudo exploratório com as famílias a respeito do acesso das crianças aos livros durante o isolamento social e a elaboração e aplicação da Sequência Didática.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica que serviu de respaldo para a fundamentação de conceitos que envolvem a prática educativa antirracista. Tendo como base a BNCC (2017), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996) e a Lei 10.639/03.

Usou-se buscadores para obter acesso aos artigos sobre o ensino da literatura na infância e textos que revelassem as discussões que costumam ser travadas no âmbito nacional e internacional sobre a literatura infantil e o protagonismo da criança negra. Tendo por base a pesquisa-ação, o estudo bibliográfico foi pautado em teses, livros e artigos que dialogavam com a proposta de integrar tecnologias digitais à contação de histórias antirracistas na Educação Infantil, isso por meio de aplicação de Sequência Didática.

As imagens das crianças que aparecem na pesquisa, passaram pelo aplicativo Comica, para que esse aplicativo fizesse a descaracterização e com esse filtro, parecessem mais uma caricatura, visando preservar o direito de uso de imagens das crianças, mesmo possuindo autorização dos pais e da escola.

3.1 A Pesquisa-Ação

Existem diversas possibilidades de realizar pesquisas e cada uma delas é utilizada de modo específico. No entanto, no campo da educação a pesquisa-ação surge como método interativo de coleta de informações. Estas, por sua vez, podem ser utilizadas para refletir, explorar temas, obter resoluções de problemas relacionados com o processo de ensino, composição curricular, comportamento e aprendizagem do aluno.

A pesquisa-ação costuma ter uma abordagem qualitativa e executada pelo método de estudo de caso. Esse tipo de pesquisa pode se revelar em "estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino" (TRIPP, 2006, p. 445).

3.1.1 Dimensões da Pesquisa-Ação

Entende-se que a pesquisa-ação permite aos professores a oportunidade de refletir de maneira constante sobre a própria prática, o intuito deve ser o alcance da melhoria dos processos, sendo benéfica também para a mudança do trabalho pedagógico escolar e a construção de uma prática docente que esteja assentada na igualdade e justiça social.

As dimensões da pesquisa-ação escolhidas para a pesquisa se constitui em ciclo (Figura) que foi utilizado para delimitar o estudo e realizar a coleta de dados com aplicação das ferramentas selecionadas. Sabe-se que em qualquer pesquisa acadêmica seguir um protocolo é fundamental para investigar qualquer fenômeno.

Figura 2. Dimensões da pesquisa-ação



Fonte: Tripp (2006, p. 446).

As dimensões usadas aqui determinam e permitem o aprimoramento das práticas que são demarcadas pelas oscilações que são encontradas durante o caminho e ajudam no planejamento de ações sistemáticas para "agir no campo da prática e investigar a respeito dela" (TRIPP, 2006, p. 445).

Torna-se necessário planejar, implementar, descrever e avaliar as ações de modo que elas possam ser ajustadas no percurso do processo, sendo aprimoradas para o estabelecimento de um trabalho que se adapte à prática e à investigação que se realiza a respeito dela. O professor deve aperfeiçoar seu trabalho "aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação" (TRIPP, 2006, p. 445).

3.2 Uso de Tecnologia Digital para Educação Antirracista

Torna-se relevante destacar que no ano inicial dessa pesquisa uma outra professora também realizava o mestrado, mas com foco no cotidiano escolar. A autora dessa pesquisa passou a ser influenciada por ela e pela busca de literaturas voltadas especificamente para protagonismos negros. Isso ocorreu porque o acervo da escola de literaturas para esse segmento não se revelou consistente.

Entende-se que o professor deve ter seu olhar e percepção direcionados para a construção de propostas e espaços de reflexão sobre a relevância da educação antirracista. Para que se concretize "a inclusão, não apenas pela obrigatoriedade da Lei no currículo oficial de ensino, mas conscientemente, pela compreensão da importância das temáticas ligadas à História e Cultura africana, afro-brasileira e indígenas" (SILVA et. al., 2020, p. 2).

3.2.1 A Sequência Didática como ferramenta metodológica formativa

Por definição, a Sequência Didática é concebida por Zabala (1998, p. 18) como um "conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos". Oliveira (2013, p. 39) acrescenta à essa definição de Sequência Didática, o fato dela ser considerada um procedimento simples, que abrange um conjunto de atividades conectadas entre si, que precisa de um planejamento para delimitação de cada etapa ou atividade e trabalhe conteúdos objetivos no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Oliveira, a pesquisa já pressupõe o embasamento teórico pertinente ao tema a ser pesquisado, delimitação do campo de pesquisa e o corte epistemológico quanto ao fator tempo. Portanto, segundo essa mesma autora, com relação à Sequência Didática "(...) este procedimento compreende desde a escolha do objeto de estudo, perpassando pela revisão de literatura, coleta de dados, análise dos resultados, e vai até o fechamento do estudo com as considerações finais e as recomendações (OLIVEIRA, 2013, p.50).

Essa é uma nova proposta didático-metodológica para facilitar a interação professor-aluno na construção de novos conhecimentos e saberes, visando oferecer subsídios que de certa forma, possam contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem (OLIVEIRA, 2013, p.23). Ela pressupõe o embasamento teórico pertinente ao tema a ser pesquisado, delimitação do campo de pesquisa e o corte epistemológico quanto ao fator tempo. Portanto, para uma proposta antirracista a Sequência Didática revela-se um "(...) procedimento que compreende desde a escolha do objeto de estudo, perpassando pela revisão de literatura, coleta de dados, análise dos resultados, e vai até o fechamento do estudo com as considerações finais e as recomendações (OLIVEIRA, 2013, p.50).

3.2.2 Elaboração do e-book

O término da pesquisa foi demarcado com a produção de um E-book (Apêndice D) em versão PDF (*Portable Document Format*), onde encontra-se o registro do processo de produção das crianças e disponibiliza as histórias que foram criadas e contadas por elas após a confecção do avatar.

Entende-se que isso permitirá melhor e maior disseminação do conteúdo contido no livro e a promoção das propostas da pesquisadora que viabilizaram a obtenção desse resultado. Isso fomentará a construção de espaços voltados para a discussão e elaboração de ações dentro dos espaços escolares voltados para a valorização da cultura negra e educação antirracista.

3.2.3 Planejamento e Ações

A tomada de consciência ocorreu por meio de estudo exploratório para certificação do problema de pesquisa dentro da realidade dos alunos do GREI 5 de um Núcleo Avançado de Educação Infantil. A pesquisa teve como instrumento as Sequências Didáticas que foram aplicadas semanalmente, no turno da manhã.

A partir da pré-análise dos resultados da pesquisa bibliográfica e do estudo exploratório, foram realizadas três sequências didáticas constituídas de três fases cada uma (Tomada de Consciência, Contação de História e o Trabalho com a Música), através da utilização das tecnologias no contexto literário de protagonismo negro da educação infantil. A elaboração e aplicação das três SD foi constituída pelas seguintes ações:

- Primeira Sequência Didática

Foi marcada pela "Tomada de Consciência" (Apêndice A) .Através de informes sobre os resultados encontrados por meio do estudo exploratório. Os dados foram obtidos por meio de um questionário estruturado aplicado via Google Formulários sobre a rotina das crianças em casa durante a quarentena provocada pelo Coronavírus, realizado com os responsáveis dos alunos do NAEI Angela Fernandes.

Quadro 1. Esquema da 1ª Sequência Didática

ETAPA	TÍTULO	TEMPO	DESCRIÇÃO
1ª ETAPA	**Hora da História**: **"A princesa mágica".**	**30 min**	Apresentação da história "A Princesa Mágica", na qual a pesquisadora é autora e teve o objetivo de conhecer por meio dela, como as crianças identificam o personagem protagonista. A história foi contada pela pesquisadora, sem que nenhuma imagem fosse mostrada. Em seguida, cada aluno, individualmente, escolheu, dentre três

			imagens pré-selecionadas, aquela que acredita ser a princesa mágica, explicando o porquê da escolha.
2ª ETAPA	**História: Uma princesa diferente?**	**40 min**	**Uma princesa diferente? -** A pesquisadora apresentou na televisão a história "Uma princesa diferente?". O livro traz a história de uma menina negra que não se identifica com os estereótipos das princesas dos contos de fadas, até finalmente ser apresentada a outras princesas.) Link: https://www.youtube.com/watch?v=Y-ofyiP1VZo A partir dessa história,, foi realizada uma roda de conversa sobre o assunto e cada criança confeccionou uma coroa de príncipe e princesa.
3ª ETAPA	**Música: "Ninguém é igual a ninguém"**	**20 min**	**"Ninguém é igual a ninguém"** Dando continuidade, escutamos a música "Ninguém é igual a ninguém" de Milton Karem, que enfatiza o respeito à diferença entre as pessoas. A partir daí, as crianças foram novamente ouvidas, numa abordagem sobre as histórias e a música. Link: https://www.youtube.com/watch?v=k2dlUBXtyHs
RECURSOS ANALÓGICOS UTILIZADOS			Papel, cola, tesoura, hidrocor, E.V.A. e tesoura.
RECURSOS DIGITAIS UTILIZADOS			Computador, celular, vídeos do YouTube, TV digital.

Fonte: elaborado pela autora.

A partir dos resultados detectados na primeira etapa da Sequência Didática avançou-se para a segunda, que ocorreu através da contação da história "A Princesa Mágica". O problema da presente pesquisa se confirmou, havendo a identificação de lacunas existentes na apropriação do protagonismo negro e a história que foi escrita pela pesquisadora (Quadro 1).

Quadro 2. Texto da história "A Princesa Mágica"

A princesa mágica

Era uma vez Nina. Ela era uma princesa mágica, pois desde que nasceu, nunca tinha se visto num espelho, nem numa foto, nem num vídeo. Sua imagem, sempre ficava apagada. Cresceu assim. Tudo que ela sabe, é através do que os outros dizem.

Todos falam que Nina é muito bonita. Seu sorriso exala alegria à sua volta. Seu olhar, encanta qualquer um que esteja em sua presença. Com os cabelos, ela gosta de brincar. Ora estão soltos, ora estão presos, ora usa enfeites, ora nem penteia. Tudo depende da brincadeira que irá acontecer.

Nina é esperta, curiosa e vive numa enorme casa, que mais parece um castelo! É muito rica! Seu quarto é grande e cheio de brinquedos, mas ela não gosta de ficar ali, pois é muito solitário. Adora tomar banho na piscina e explorar o jardim com seus amigos e amigas. Nele, solta a imaginação e passa horas e horas brincando. Às vezes, pensa em como seria bom se conseguisse se ver. Saber como é o seu rosto, o seu cabelo… mas normalmente, essa vontade passa e logo se distrai com alguma descoberta nova. No fundo ela sabe, que mais importante que a nossa aparência, é o nosso coração.

Fonte: elaborado pela autora.

Após esse momento, foram apresentadas para cada criança as três imagens da Figura 3, sendo solicitado que elas circulassem qual imagem acreditavam ser a Princesa Mágica Nina. Após a escolha foi perguntado qual seria a motivação para a seleção. A consolidação da ideia de que existem princesas e príncipes diferentes, e que toda e qualquer criança, pode ser princesa ou príncipe de suas histórias, propôs a confecção de coroas em E.V.A. para coroar as descobertas do dia.

Figura 3. Imagens representativas da Princesa Mágica



Fonte: https://br.pinterest.com/pin/336855247116682495/
https://br.pinterest.com/pin/751186412820677322/
https://br.pinterest.com/pin/557953841332706654/

A continuidade da SD foi dada com a apresentação da música “Ninguém é igual a ninguém” escrita por Milton Karam e interpretada pela Escola Stagium, o que gerou um momento de reflexão e questionamentos.

- Segunda sequência didática

Nessa SD foram apresentadas literaturas infantis de protagonismo negro, como por exemplo: Pretinha de Neve e os sete gigantes e o Pequeno Príncipe preto, reforçando o que foi apresentado na etapa anterior. A atividade foi complementada com a Oficina de Tranças e elaboração de vídeo para mostrar os melhores momentos desse dia.

Quadro 3. Esquema da 2ª Sequência Didática

ETAPA	TÍTULO	TEMPO	DESCRIÇÃO
1ª ETAPA	**Hora da História: O Pequeno príncipe Negro/ Pretinha de**	**30 min**	**Hora da História: O Pequeno príncipe Negro/ Pretinha de Neve e os sete gigantes** Dando continuidade a proposta de apresentação de literatura infantil com protagonismo negro, a pesquisadora trouxe dois títulos com a abordagem príncipe/princesa negra. A história

	Neve e os sete gigantes		foi contada pela pesquisadora, enfatizando os personagens, e em seguida, as crianças tiveram a oportunidade de recontar e manusear os livros apresentados.
2ª ETAPA	**Oficina de tranças**	**120 min**	**Oficina de tranças:** Neste dia, a escola recebeu a trancista Tainá, que se voluntariou para o evento. Ela é filha da professora Joana, que nos apresentou a história "Amor de cabelo". Além disso, mostrou para as crianças diferentes tipos de pentes, para diferentes tipos de cabelos. Todo momento foi registrado com o celular e aconteceu ao som da música "Neguinha sim!" de Renato Gama https://youtu.be/mTS6xnooUCg
3ª ETAPA	**Melhores momentos**	**15 min**	**Melhores momentos** No aplicativo vídeo show, a pesquisadora criou um vídeo com os melhores momentos da oficina de tranças, utilizando a música "Cabelo" de Arnaldo Antunes e interpretada por Gal Costa. Foi apresentado para as crianças na televisão da escola.
RECURSOS ANALÓGICOS UTILIZADOS			Livros, caneta, papel e giz de cera para os registros das histórias; Kanekalon - fibra sintética para a oficina de tranças;
RECURSOS DIGITAIS UTILIZADOS			TV digital, Datashow, vídeos animados, celular ou tablet.

Fonte: elaborado pela autora.

Durante a Oficina de Tranças o "cabelo" foi o assunto principal e foram apresentados diferentes pentes que podem ser usados em cabelos crespos. Também foi exibida a história "Amor de cabelo". Na sequência, houve a realização de uma oficina de tranças Nagô e a narração da história das tranças. A atividade aconteceu ao som de músicas afro-brasileiras.

Cada criança escolheu uma cor e um modelo de trança e a atividade contou com a presença de somente um menino. Todo momento foi fotografado para a criação de vídeo no aplicativo Vídeo Show, tendo como fundo musical a música "Cabelo" de Arnaldo Antunes e que foi interpretada por Gal Costa. O mesmo foi exibido às crianças na televisão.

- Terceira Sequência Didática

A terceira SD contou com quatro etapas a serem cumpridas: a construção de avatar; a criação de história a partir da observação do avatar; entrevista com os alunos para conhecer um pouco da história de cada um e lançamento do livro "Que história é essa GREI 5?" que contém as histórias contadas pelos alunos.

Quadro 4. Esquema da 3ª Sequência Didática

ETAPA	TÍTULO	TEMPO	DESCRIÇÃO

1ª ETAPA	**Construindo meu avatar**	**40 min**	**Construindo meu avatar** - as crianças foram apresentadas ao aplicativo Bitmoji, instalado no celular da pesquisadora. Individualmente, foram incentivadas a respeitarem suas características físicas, e criarem um avatar próprio, porém, tiveram total liberdade para escolherem suas características. Usaram como suporte, o espelho da sala. Após a criação do avatar, ainda no aplicativo, cada uma escolheu oito adesivos/imagens onde o avatar criado aparecia nas mais variadas situações.
2ª ETAPA	**Criando história**	**60 min**	**Criando história** - Visualizando as imagens do avatar criado, em diferentes situações, escolhidas por eles, cada criança criou sua história, sendo ela a protagonista. A pesquisadora utilizou o gravador do celular para gravar as histórias, sendo a escriba na escrita. Após a gravação, cada criança ouviu o seu áudio.
3ª ETAPA	**Conhecendo o autor**	**60 min**	**Conhecendo o autor-** Utilizando o gravador do celular, a pesquisadora realizou uma entrevista com cada criança, a fim de conhecer um pouco mais de sua história.
4ª ETAPA	**Lançamento do livro**	**120 min**	**Lançamento do livro:** O lançamento do livro " Que história é essa " se deu no Quilombo do Grotão, símbolo de resistência e força da cultura negra e da luta antirracista. Cada criança autografou o seu exemplar e levou para casa para partilhar com a família.
RECURSOS ANALÓGICOS UTILIZADOS			Papel colorido, cola e folhas impressas
RECURSOS DIGITAIS UTILIZADOS			Celular, impressora e notebook

Fonte: Elaborado pela autora.

Na construção do avatar, as crianças foram apresentadas ao aplicativo Bitmoji, instalado no celular da pesquisadora. Cada uma delas foi orientada a construir o seu avatar com o apoio de um espelho grande que ajudou na observação dos detalhes de suas características e no esclarecimento de dúvidas.

Após a criação do avatar, o próprio aplicativo criou figurinhas do mesmo que foram impressas e cada criança criou, oralmente, uma história tendo o seu avatar como personagem. Em sequência, também foi utilizado o gravador para fazer entrevistas com os "autores". Em seguida a pesquisadora organizou as histórias e montou um livro intitulado "Que história é essa GREI 5?" que foi lançado no Quilombo do Grotão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola estudada é um Núcleo Avançado de Educação Infantil (NAEI) do município de Niterói e a aplicação da pesquisa teve início após o retorno presencial com atividades ligadas ao resultado do estudo exploratório que aconteceu em época de educação remota. A amostra da pesquisa foi constituída por onze alunos do grupo de referência em que a professora pesquisadora leciona. A observação e atuação ocorreu durante as aulas presenciais,

O estudo exploratório com os responsáveis foi feito com aplicação de questionário estruturado no Google Formulários, a fim de identificar o acesso dos alunos aos livros e a contação de histórias. Isso permitiu que fosse apurado que poucos alunos contavam com acervo literário em casa. A volta para o ensino presencial possibilitou a observação de que na escola também havia poucos livros que tratavam do protagonismo das crianças negras. O que se conhecia eram livros que professores pesquisadores trouxeram para a escola por meio de investimento próprio.

Devido à natureza do questionário estruturado, a análise dos dados foi feita de maneira quantitativa (obtenção de informações numéricas e estatísticas), para a interpretação das respostas dos responsáveis. Essas respostas foram quantificadas segundo as alternativas disponíveis, por meio de porcentagem e frequência relativas às mesmas, sendo geradas pelo próprio Google Formulários e representadas através de gráficos.

Para efeito, foram seguidas as três etapas de análise propostas por Bardin (2016): pré-análise (organização e leitura prévia do material pesquisado), exploração do material (transformação dos dados iniciais em categorias organizadas) e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (leitura profunda, desenvolvimento das categorias e elaboração das informações fornecidas pela análise).

Os resultados conclusivos deste estudo exploratório visaram a confirmação do problema da pesquisa sobre o desenvolvimento infantil com relação escrita, pensamento e imaginação, a interpretação dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo. A partir desta organização foi possível realizar a interpretação e análise por meio de três categorias constituídas pelo grau de similaridade do conteúdo: seleção, categorização e tabulação das respostas dos participantes em relação às respostas do questionário (BARDIN, 2016), que foram: 1) Desenvolvimento da Linguagem Infantil 2) Acervo de literatura em casa; 3) Acesso dos canais de comunicação da escola para realização das atividades propostas. Estes, por sua vez, serão desenvolvidos a seguir.

Com relação à linguagem verbal da criança, todos os responsáveis que responderam à pesquisa, disseram que ela estava falando bastante e fazendo uso de muitas palavras. Entretanto, a disponibilidade de literatura infantil em casa foi um aspecto que se revelou limitado, pois 58,3% tinham poucos livros em casa; 25% não tinham e 16,7% tinha acesso a bastante livros.

O acesso desse público aos meios de comunicação da escola para realização das atividades propostas era algo considerado de alta relevância para o progresso de aprendizagem desses alunos. Dos doze participantes, nenhum afirmou acessar o canal do YouTube da escola todos os dias para acompanhar os conteúdos. Enquanto isso, 16,7% relataram frequência de acesso uma vez por semana; 66,7% quando era lembrado por notificação no grupo do WhatsApp e 16,7% não acompanhava as aulas.

Esse cenário é acentuado quando se observa a frequência da realização das atividades que foram sugeridas para as crianças via recurso digital: 58,3% faziam somente algumas quando tinham disponibilidade; 25% não e 16,7% sempre executavam as tarefas.

4.1 Primeira Sequência Didática

Ocorreu através da contação da história “A Princesa Mágica” para identificar as lacunas existentes na apropriação do protagonismo negro nesse público. A primeira atividade se deu no dia 18 de outubro de 2021, uma segunda feira nublada, com pequenos instantes de garoa. Estavam presentes na atividade a pesquisadora e as professoras Camilla, Milena e Geórgia. Apesar da turma ser composta por dezesseis alunos presenciais, a frequência da atividade foi baixa e contou com a participação de apenas seis crianças.

A história contada foi escrita especialmente para a realização da pesquisa e permitiu a realização de análise sobre qual era a referência de identidade que as crianças do GREI 5 possuíam como protagonismo de histórias infantis. A personagem principal foi descrita como uma princesa linda e rica. Em nenhum momento da história foi citada a cor da pele, o tipo de cabelo, a forma física e a cor dos olhos da personagem. Neste caso, a princesa Nina era mágica.

Figura 4. Momento da contação de História



Fonte: arquivo pessoal da autora

Após esse momento, foram apresentadas individualmente para as crianças as três imagens que representavam etnias raciais (indígena, negra e branco). Sendo solicitado que circulassem a que acreditavam ser a Princesa Nina. Após a escolha foi perguntado qual seria a motivação para a seleção e se encontra exposta no quadro a seguir.

Quadro 5. Justificativa das alunas para a escolha da imagem para representar a Princesa Nina

ALUNA	ESCOLHA	MOTIVO
Aluna A	branca	Só pode ser essa, porque ela é bonita e as outras não são bonitas. Ela tem o olho azul e gostei do cabelo dela.
Aluna B	indígena	E essa porque ela tem uma máscara e não consegue ver
Aluna C	negra	Essa porque ela é bonita e tem o cabelo igual ao meu.
Aluna D	branca	Só pode ser essa, a pintora
Aluna E	branca	Acho que é essa porque ela tem cabelo loiro
Aluna F	branca	É essa porque ela tem cabelo amarelo, a outra tem o cabelo assim (apontando para a negra) e a outra é uma índia.

Fonte: levantamento de dados

As respostas mostram que grande parte das meninas possui como referência estética às características físicas dos europeus (pele alva, cabelos loiros e olhos claros), que durante muito tempo foram vistos como a raça social dominante no Brasil. Mesmo que elas não se encaixem nesse padrão social de beleza foram induzidas pela consciência social a acreditar que a única cor que poderia estar relacionada com a riqueza e beleza seria a branca.

Torna-se necessário quebrar esse estigma cíclico de considerar somente as pessoas brancas como referência estética, para isso é preciso quebrar tabus e criar estratégias para superar a marginalização do negro, com a valorização do cabelo crespo, características físicas

(nariz, boca, etc.), cultura, religião e estilo musical “criando para esses alunos uma nova consciência” (RIBEIRO, 2019, p. 14).

Esse ponto apontado pela autora fica claro quando elas afirmam que a indígena não possui afeições para ser princesa e a negra não pode ocupar esse papel por causa do cabelo. Essa observação possibilitou a abordagem da pesquisadora sobre a existência de princesas e príncipes diferentes, e que toda e qualquer criança pode ser protagonista de suas histórias.

Após a realização da atividade, todas as crianças queriam saber quem havia acertado e a pesquisadora aproveitou a oportunidade para iniciar uma roda de conversa sobre o assunto, apresentando novamente as três imagens. A proposta foi fazer um tímido debate - com a participação das professoras , para destacar que não havia opção certa ou errada a escolher e que todas as crianças poderiam representar a Princesa. Apesar de diferentes, cada uma é linda com as suas características, não havendo ali mais ou menos bonitas.

Figura 5. Confecção das coroas das princesas



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Após criarem suas coroas de princesas e príncipes, as crianças foram encorajadas a olharem para si e se perceberem como indivíduos que possuem características só suas. Esse foi um momento de muita diversão e elevação da autoestima. Entende-se que a não “valorização da identidade do negro” afeta até mesmo os espaços escolares. Por isso existe “a necessidade de luta e rompimento da fronteira da discriminação racial, abrindo espaço para que as crianças conheçam sua herança cultural (...)” (ROCHA, 2021, p. 12).

Figura 6.Representação das Princesas



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Dando continuidade com a apresentação da música “Ninguém é igual a ninguém”, a canção trata de temas como aceitação e a importância do respeito às diferenças entre as pessoas. Esse momento permitiu a realização de uma nova escuta de opinião das crianças, propondo reflexões e questionamentos, possibilitando dar uma nova roupagem para a história de Nina a partir da perspectiva que a música trazia.

Na ocasião, uma aluna disse que a amiga dela era igual a irmã, quase gêmea. Outra disse que era parecida com a amiga por terem os cabelos ondulados. Após analisar as afirmações e conversar sobre as características de cada uma, as crianças descobriram que elas eram parecidas, mas não poderiam ser iguais.

A atividade foi encerrada com a exibição do livro digital “Uma Princesa Diferente?” (Figura 4) na televisão. Nele conta-se a história de uma menina negra que não se identifica com os estereótipos das princesas dos contos de fadas, até se sentir representada por outras princesas iguais à ela. Percebe-se que ao negro são imputados estereótipos que costumam dificultar sua autoimagem e lhe impõem características que fazem recair sobre ele um olhar preconcebido, impedindo a observação e percepção de suas qualidades e atributos (GOFFMAN, 1963 apud CAVALLEIRO, 2014).

Figura 7. Apresentação do livro Digital “Uma princesa diferente?”



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A partir dessa história foi realizada uma roda de conversa sobre o assunto. Esse material encontra-se disponível no canal do YouTube Leitores sem Preconceito e serviu para reforçar tudo que foi falado e apresentado na manhã da aplicação da SD.

4.2 Segunda Sequência Didática

É imprescindível refletir sobre a inserção da cultura afro-brasileira na escola, como ferramenta de construção da identidade da criança negra, visto que vivemos em uma sociedade onde predominam modelos estereotipados a respeito do segmento negro da população.

Através da SD, as crianças puderam conhecer um pouco mais dos cabelos crespos, através da história “Amor de cabelo”, onde um pai se vê com dificuldade para pentear o cabelo crespo da filha e no desenrolar do desenho são apresentadas várias opções de penteados. Durante o reconto da história as crianças foram provocadas a dar uma solução para o cabelo da menina e uma aluna respondeu que tinha que alisar.

Figura 8. Leitura do livro “ Amor de cabelo”.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Moore (2015, p. 6) afirma ser necessário "...elevar a autoestima de crianças negras brasileiras, demolidas no dia a dia, inclusive no espaço escolar". O racismo provoca a demolição das identidades negras logo na infância, afinal, não é fácil se afirmar negro diante de grupos que tentam, violentamente nos deslegitimar nos invisibilizando "Essas crianças – que não vêem seus rostos, seus cabelos ou sua cor refletidos com carinho em nenhum lugar do imaginário de um país que as nega e as rejeita..." (idem, ibidem).

Nessa SD também foram apresentadas literaturas infantis com o protagonismo de personagens negros (príncipe/princesa), como por exemplo "Pretinha de Neve e os sete gigantes" e o "Pequeno Príncipe Preto" e a expectativa foi reforçar os aspectos que foram apresentados na etapa anterior com a recontagem das histórias e o manuseio dos livros trabalhados. Os personagens são descritos e "apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira" (EVARISTO, 2009, p. 19-20). Essa é:

> [...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura. [...] Investir na construção de uma identidade significa abrir caminho para a revolução no jeito de pensar da sociedade contemporânea, pois os educandos de hoje serão a sociedade de amanhã. A literatura, nesse ínterim, pode ser um espaço de problematização do movimento ocorrido em nossa sociedade. (Silva 2010: 35)

A atividade foi complementada com a abordagem do tema "cabelo", que é um aspecto importante para a cultura afro e sofre constantes críticas e comentários preconceituosos. As crianças também puderam conhecer a história das tranças e a importância da ancestralidade com a professora Joana. Também foram apresentados por essa professora diferentes pentes que podem ser usados em cabelos crespos, além do compartilhamento de histórias pessoais com esse tipo de cabelo.

Figura 09. Manuseio do livro “ Amor de cabelo” durante oficina de tranças



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Na Oficina de tranças Nagô, a trancista Tainá fez em cada criança um modelo de trança diferente, conforme a cor escolhida por elas. Apesar da maioria ter optado fazer tranças, uma aluna quis permanecer de cabelos soltos por gostar de usá-los assim e disse não aguentar mais ficar sentada fazendo tranças. A atividade contou com a presença de somente um menino, que por ter o cabelo muito curto, optou por fazer uso de gel. A atividade aconteceu ao som de músicas afro-brasileiras que enaltecem a beleza negra.

Figura 10. Realização de tranças pelas professoras.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 11. Criança escolhendo o modelo de trança a ser trançado.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

4.3 Terceira Sequência Didática

A construção de um avatar das crianças foi feita no aplicativo Bitmoji com o celular da pesquisadora. Na ocasião, cada uma foi orientada a seguir os próprios traços físicos e contaram com o apoio de um espelho grande na sala que foi utilizado em dúvida.

Apesar das orientações, as crianças tiveram total liberdade durante a criação e ficaram a vontade em optar por mudar ou não suas características no avatar. Somente uma aluna optou por usar o cabelo liso no lugar do crespo, apesar de demonstrar ter ciência de que o tipo de cabelo escolhido era diferente do seu. Os demais alunos foram fiéis a sua aparência, tanto nos cabelos, como no tom da pele e nos detalhes da sobrancelha e formato da boca.

Figura 12. Avatares criados no aplicativo Bitmoji.

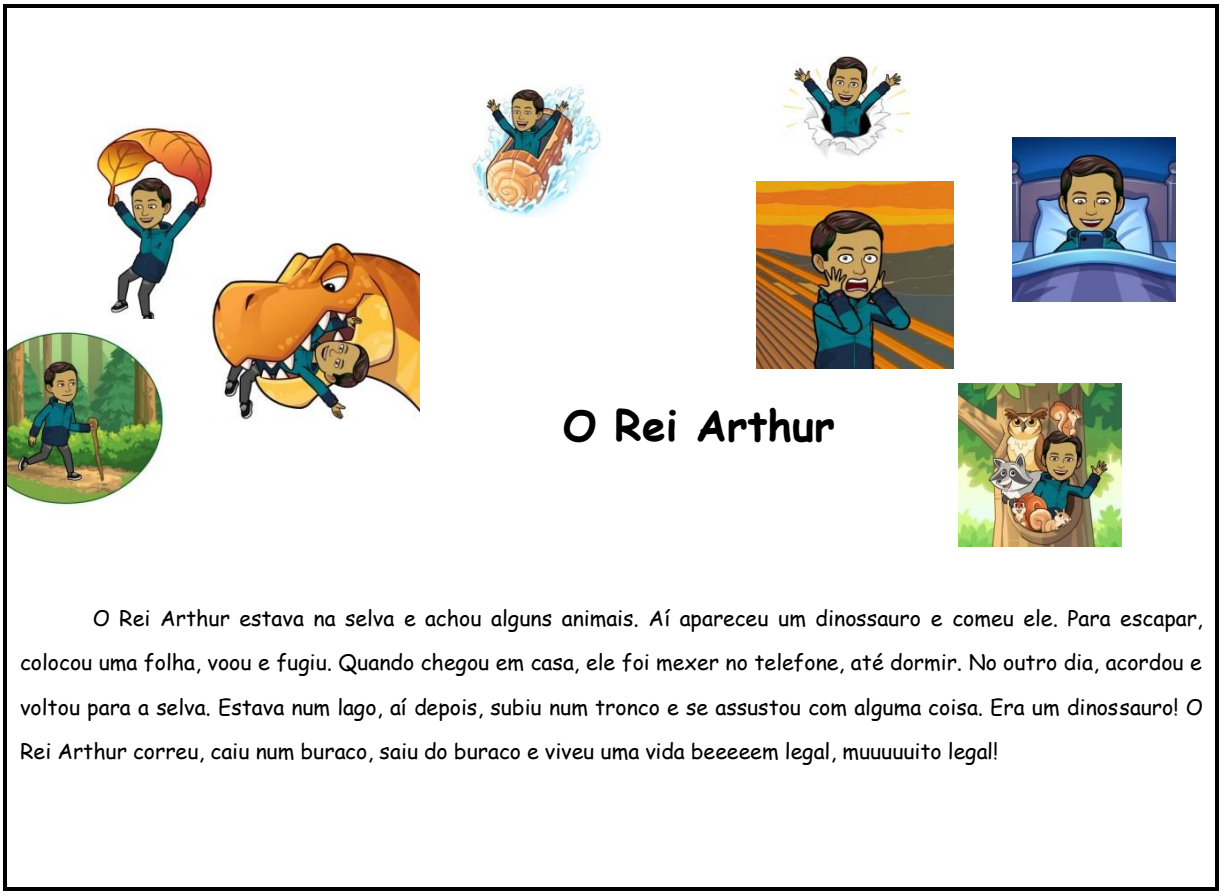


Fonte: aplicativo Bitmoji

Esse comportamento revela que uma criança negra que nasce, cresce e vive em uma sociedade embranquecida passa a enxergar seus cabelos crespos como algo inaceitável, fora do padrão ideal e deseja ter seus cabelos crespos alisados para se parecer com os dos brancos. Isso desencadeia a formação de "atentados", a criança sofre "contra os seus traços de criança negra" (ROCHA, 2021, p. 287).

Após a criação, o próprio aplicativo criou figurinhas do avatar em diferentes situações. Cada criança escolheu oito para imprimir as imagens em uma folha e observar cada figura que foi criada. Foi construída uma história oral pela criança tendo o próprio avatar como protagonista. Utilizou-se o gravador do celular da pesquisadora e uma criança solicitou que fosse informado o nome do aplicativo para que a mão que pudesse instalar no próprio celular. Outras quatro crianças manifestaram ansiedade para levar e mostrar o avatar para o responsável. Todas demonstraram orgulho e satisfação com as suas criações.

Figura 13. História criada por uma criança a partir das figuras escolhidas.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Em outra etapa da sequência, também foi utilizado o gravador para conhecer um pouco mais dos autores entrevistados, cada um contou um pouco de si e relatou suas

preferências. Em seguida, as histórias gravadas foram transcritas e organizadas para a montagem do livro “Que história é essa GREI 5?”. O lançamento ocorreu no Quilombo do Grotão, que é um lugar de resistência e luta antirracista.

Figura 14. Lançamento do livro “ Que história é essa GREI 5”, no Quilombo do Grotão.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da pesquisa evidenciou o quanto o uso das tecnologias digitais, aliadas a práticas educativas que privilegiam a aceitação das diferenças e a valorização da cultura negra, podem contribuir para a conscientização das crianças e professoras envolvidas nas atividades, apontando a importância da aceitação das diferenças para uma convivência pacífica na sociedade, levando as pessoas a assumirem atitudes e posturas antirracistas.

Convém enfatizar que, a escola deve desenvolver práticas pedagógicas e estratégias que promovam a igualdade racial no cotidiano da sala de aula, além da inserção de atividades que envolvam a leitura de livros infantis de protagonismo negro, em que se exaltem heróis e personalidades africanas e afrobrasileiras, afim de que a criança tome para si a história e a cultura do seu povo, assim como suas raízes e suas lutas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/1996**. Brasília: Diário Oficial da União / Poder Executivo, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União / Poder Executivo, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais e para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC, 1998.

CARVALHO, S. C. de S. Eurocentrismo e Racismo: o fetiche nas relações sociais da sociedade capitalista. **SER Social**, Brasília, v. 19, n. 41, p. 296–313, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHALLITA, Gabriel. **Pedagogia do amor:** a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. 10.ed. São Paulo: Editora Gente, 2005.

COSTA, Patrícia Evellyn; RIBEIRO, Janete Santa Maria. A importância de contar história na educação infantil. **RECIT - Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, Medianeira, e. 4771, p. 1-18, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÍDICE, Roberta. Preconceito racial: o retrocesso de uma sociedade. **Empório do Direito**, publicado em 24/11/2020. Disponível em: <

https://emporiododireito.com.br/leitura/artigo-preconceito-racial-o-retrocesso-de-uma-sociedade>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2.ed. rev. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada / Alfabetização e Diversidade, 2005.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.33, p.78-95, mar. 2009.

PEREIRA, Daise Santos et. al. Luta antirracista na educação infantil em tempos de pandemia: o que as táticas docentes revelam? **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, mai./ago. 2021.

SANTOS, Sibele Gabriela dos; GUITARRARA, Leandro Bozzola. Antirracismo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **Justificando**, terça-feira, 23 de junho de 2020. Disponível em: < https://www.justificando.com/2020/06/23/antirracismo-na-lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SOUSA, Gabriela Tavares de. A Representatividade Negra na Literatura Infantil: dentro da sala de aula. **Anais do X COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 12 a 17 de outubro de 2018.

SOUZA, Ivanete Silva de et. al. Resenha: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2012. **Revista em Favor da Igualdade Racial**, v. 1, n. 1, fev./jul. 2018.

TAMANHO, Neuza; MINUZZI, Nathalie Assunção. **A contação de histórias na era digital:** possibilidades e desafios no município Ponte Serrada. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1946/Neuza%20Tamanho.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jan. 2021.

REFERÊNCIAS DA FUNDAMENTAÇÃO

SOUZA, Jesse. **Como o Racismo criou o Brasil.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

GONÇALVES, Ana Maria. Lobato: Não é sobre você que devemos falar. **Portal Geledés**, publicado em 22 nov. 2010. Disponível em: < https://www.geledes.org.br/ana-maria-goncalves-lobato-nao-e-sobre-voce-que-devemos-falar/ >. Acesso em: 10 abr. 2022.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org.). **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

DAMATTA, Roberto. Racismo à Brasileira. **Portal Geledés**, publicado em 05 jul. 2009. Disponível em: < https://www.geledes.org.br/racismo-a-brasileira-roberto-da-matta/>. Acesso em: 11 abr. 2022.
EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando:** Uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2015.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto arado.** São Paulo: Todavia, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 10.ed. São Paulo: Ática, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48.ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito.** Trad. Paulo Meneses e Karl-Heinz Efken. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

MARINGONI, Gilberto. História - O destino dos negros após a Abolição. **Desafios do Desenvolvimento**, São Paulo, ano 8, ed. 70, publicado em 29 dez. 2011. Disponível em: <http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2673:catid=28&Itemid=23>. Acesso em 15 abr. 2022.

ACAYABA, Cíntia; REIS, Thiago. Proporção de negros nas prisões cresce 14% em 15 anos, enquanto a de brancos cai 19%, mostra Anuário de Segurança Pública. **Portal G1**, São Paulo, publicado em 19/10/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-prisoes-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>. Acesso em 10 abr. 2022.

MADEIRO, Carlos. Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos. **Notícias UOL**, Maceió, publicado em 13/11/2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo:** branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. 169 fls – (Tese de Doutorado em Psicologia)

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma única História**. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2.ed. rev. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MOTA, Thiago Henrique (Org.). **Ensino antirracista na Educação Básica:** da formação de professores às práticas escolares. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

ROCHA, Wesley Henrique Alves da (org.). **Racismo e antirracismo**: reflexões, caminhos e desafios. Curitiba: Editora Bagai, 2021.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, abr. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>. Acessado em: 3 abr. 2022.

SILVA, Giovanni Codeça da et. al. Educação Antirracista: vivências e uso de tecnologias. **Revista Tecnologias na Educação**, ano 12, v.34, p. 1-9, dez. 2020.

ANEXO A: AUTORIZAÇÃO

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Patrícia de Azevedo Gama Duarte
responsável pelo menor **Arthur Coutinho de Azevedo** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "**QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE :**Arthur Coutinho de Azevedo**
NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Patrícia de Azevedo Gama Duarte
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: Rua Doutor Godofredo Garcia, s/n - Piratininga
CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 119.949.827-06
RG: 20185083-1
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra
ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra
DATA: 16/12/21.
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
Patrícia de A. G. Duart.

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Leandro de Souza Knupp de Carvalho
responsável pela menor **Geovana Jesus Knupp** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "**QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE :**Geovana Jesus Knupp**

NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Leandro de Souza Knupp de Carvalho

ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: Rua Professor Carlos Cortez, casa 2 (lt 10) - Itaipuí

CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 122.952.677-30

RG: 21671860-1

NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra

ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra.

DATA: 16/12/21.

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
Leandro de Souza Knupp de Carvalho

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Antonio Carlos Siqueira
responsável pela menor **Heloísa Sousa Siqueira** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "**QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE :**Heloísa Sousa Siqueira**
NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Antonio Carlos Siqueira
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: Est. da Serrinha, nº 11 - Vargem das Moças
CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 015.900.935-93
RG: 02043624 1-2
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra
ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra
DATA: 16/12/21.
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
x Antonio Carlos Siqueira

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Elen Perrote Francisco
responsável pela menor **Isadora Perrote Cordeiro** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "**QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE :**Isadora Perrote Cordeiro**
NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Elen Perrote Cordeiro
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: R. Alice Gonçalves Pereira, nº2. casa 2. Cafubá
CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 052 650977-92
RG: 12.094.558-9
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra
ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra
DATA: 16/12/21.
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
x Elen Perrote Francisco

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Sandra Teixeira de Freitas
responsável pela menor **Lyvia Soares de Freitas** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "**QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE :**Lyvia Soares de Freitas**
NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Sandra Teixeira de Freitas
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: Rua 412, número 13 Cafubá
CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 113749347-10
RG: 29434083-4
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra
ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra
DATA: 16/12/21.
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
Sandra Teixeira de Freitas

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Sandra da Silva Francisco
responsável pela menor **Marcelly Soares Curi** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa **"QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL"**, bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins cientificos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE : **Marcelly Soares Curi**
NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Sandra da Silva Francisco
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: R Dr. Paulo Fonseca 31 casa 05 - Piratininga
CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 101334957-05
RG: 10264977-8
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra
ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra
DATA: 16/12/21.
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
x Sandra da Silva Francisco

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Vanessa da Silva

responsável pela menor **Maria Luiza Silva Cardoso** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "**QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE: **Maria Luiza Silva Cardoso**

NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: Vanessa da Silva

ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: R. Dr. Manuel Knust, 8 - Piratininga

CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 172 759 207-14

RG: 29.532.572-4

NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra

ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra

DATA: 16/12/21.

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:

Vanessa da Silva

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Natália Loureiro de Oliveira
responsável pelo menor **Oliver Loureiro Cordeiro** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "**QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE : **Oliver Loureiro Cordeiro**
NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Natália Loureiro de Oliveira
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: R. Dep. José Maurício, nº40, casa2 Contagalo
CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 180457247-06
RG: 29591642-3
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra
ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra
DATA: 16/12/21.
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
x Natalia Lo. de Oliveira

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Balbina Pereira Borges
responsável pela menor **Sheron Borges Oliveira** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuizo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE : **Sheron Borges Oliveira**
NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Balbina Pereira Borges
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: R. Dr. Dias Moreira, 191 Casa 2A Piratininga
CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 672943165-20
RG: 25 567 246-1
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra
ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra
DATA: 16/12/21.
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
x Balbina Pereira Borges

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Janete da Silva Conceição dos Santos
responsável pela menor **Stefany da Silva Alves Lima** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "**QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE : **Stefany da Silva Alves Lima**
NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Janete da Silva Conceição dos Santos
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: R. Sebastião 311 - Casa . Sapê
CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 081 896 247-06
RG: 11276324-8
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra
ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra
DATA: 16/12/21.
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
Janete da Silva C.

Centro Universitário Carioca
Núcleo de Computação Aplicada – NUCAP
Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - MPNTDE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM e VÍDEO.

Eu Jéssica Ferreira dos Santos
responsável pela menor **Thyana Vitória dos Santos Sá** autorizo a utilização da sua imagem e vídeo depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa "**QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA PRINCESA MÁGICA!A LITERATURA ALIADA A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**", bem como de estar ciente do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, autorizo, através do presente termo, a Professora Especialista Plínia Corrêa Ferreira Serra, professora responsável do projeto de pesquisa, a reprodução das imagens e vídeos para fins científicos e de estudos (livros impressos e digitais, artigos, slides e transparências), em favor da Ciência e da pesquisa acima especificada.
Certa (o) da confidencialidade e a privacidade, na proteção da voz e imagem, garantindo-se pelo exposto acima a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros, assino o presente Termo de Autorização de uso Imagem e vídeos produzidos nos canais de comunicação da escola que se remetem aos fins da pesquisa: padlets, YouTube e Wsite.

NOME DO PARTICIPANTE : **Thyana Vitória dos Santos Sá**
NOME DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE : Jéssica Ferreira dos Santos
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE: R. Mar Cilene, 180 - Piratininga
CPF DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE: 138.606.487-48
RG: 26821606-6
NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Plínia Corrêa Ferreira Serra
ASSINATURA DA PESQUISADORA: Plínia Corrêa Ferreira Serra
DATA: 16/12/21.
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE:
x Jéssica Ferreira dos Santos

APÊNDICE A: PRIMEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA



SD1- Que História é essa? Uma princesa mágica. Apresentando literaturas como proposta de Educação Antirracista.

Dia: 1 **x** 2 ☐ 3 ☐

Instituição: UNICARIOCA	**Data:**27/10/2021
Educador Autor(a): PLINIA CORRÊA FERREIRA SERRA	**E-mail:** Pliniaserra@gmail.com

Eixo Temático: LITERATURA E DIVERSIDADE
CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS EM ACORDO COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC: 1- O EU, O OUTRO E O NÓS; 2- CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS; 3- ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO; 4- TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS.

Locais que serão utilizados: X **Sala de Aula** ☐ **Pátio** X **Outros: CASA**

Objetivos esperados	• Proporcionar ambiente literário • Conhecer como as crianças percebem o protagonismo dos personagens nas histórias apresentadas; • Unir escola e família, estimulando a apropriação de bons hábitos de leitura significativa; • Valorizar a diversidade cultural;

Tomada de consciência:

Diante da Pandemia do Coronavírus, preocupados em manter os vínculos afetivos entre escola/ família, elaboramos um questionário no *Google Forms* para conhecermos a rotina das famílias neste momento de isolamento social e descobrirmos se havia movimentos de leitura em casa. Constatamos que apenas 16% dos alunos contavam com acesso a um acervo de livros de literatura infantil. Portanto, identificamos a grande necessidade de manter a "*Hora da História*", um projeto diário de nossa escola, também de forma remota. Ao voltarmos ao ensino presencial, apenas com crianças do Grupo de Referência de 5 anos (GREI5) essa rotina foi estabelecida de forma híbrida.

1ª Etapa **30 minutos**	**Hora da História**: **"A princesa mágica".** A pesquisadora é autora dessa história e teve o objetivo de conhecer por meio dela, como as crianças identificam o personagem protagonista. A história foi contada pela pesquisadora, sem que nenhuma imagem fosse mostrada. Em seguida, cada aluno, individualmente, escolheu, dentre três imagens pré-selecionadas, aquela que acredita ser a princesa mágica, explicando o porquê da escolha. *Aporte Teórico: A maioria das meninas brinca com bonecas loiras. Entre elas, a Barbie foi construída no imaginário infantil como a boneca dos sonhos, de longos cabelos loiros, nariz afilado, olhos azuis e branca, semelhante às princesas dos filmes e dos contos de fadas. Essa verdade é absorvida pelas crianças como o modelo de beleza a*

<table>
<tr><td></td><td colspan="3">ser seguido e quem não está em consonância com esse padrão se sente mal. (SOUZA; LOPES; SANTOS, 2007, p. 4)

</td></tr>
<tr><td>Habilidades</td><td>(EI03EF01)- Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre as suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.</td><td>(EI03EO02)- Agir de maneira independente com confiança em suas capacidades reconhecendo suas conquistas e limitações.</td><td>(EI03EO04)- Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.</td></tr>
<tr><td>2ªEtapa
40 minutos</td><td colspan="3">Uma princesa diferente? - A pesquisadora apresentou na televisão a história “Uma princesa diferente?``O livro traz a história de uma menina negra que não se identifica com os estereótipos das princesas dos contos de fadas, até finalmente ser apresentada a outras princesas.)
Link: https://www.youtube.com/watch?v=Y-ofyiP1VZo
A partir dessa história, cada criança confeccionou, foi realizada uma roda de conversa sobre o assunto e cada criança confeccionou uma coroa de príncipe e princesa.

“A diferença para uma criança não-negra está no número de opções em que ela se vê para elaborar sua identidade. Em todo o leque dessa oferta, podemos encontrá-las nas mais diferentes formas, papéis e jeitos, o que compensa uma ou outra desqualificação. O mesmo não acontece para a criança negra, que encontra imagens pouco dignas para se reconhecer [...]” (LIMA, 2001, p 103)

</td></tr>
<tr><td>Habilidades

20 minutos</td><td>(EI03EF04)-Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações definindo os contextos, os personagens e a estrutura da história.</td><td>(EI03TS02)- Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.</td><td>(EI03CG05)-Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.</td></tr>
<tr><td colspan="4">3ª etapa: “Ninguém é igual a ninguém”
Dando continuidade, escutamos a música “Ninguém é igual a ninguém” de Milton Karem, que enfatiza o respeito à diferença entre as pessoas. A partir daí, as crianças foram novamente ouvidas, numa abordagem sobre as histórias e a música.
Link: https://www.youtube.com/watch?v=k2dlUBXtyHs</td></tr>
</table>

Aporte Teórico: Negro, branco, pardo ou amarelo/alto, baixo, gordo ou magricelo/Moreno, loiro, careca ou cabeludo/
deficiente, cego, surdo ou mudo/Em tudo tem diferença, desde nascença/No que a gente é, no que a gente faz/no que a gente pensa/Todos tem diferença, desde nascença/A gente é o que é, a gente é demais/a lista é imensa, /viva a diferença! (MILTON KAREM)



Habilidades	**(EI03CG03)**- Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.	**(EI03EF03)**- Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.	**(EI03TS02)**- Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

Recursos Digitais	Computador, celular, vídeos do youtube, TV digital.
Recursos Analógicos utilizados	Papel, cola, tesoura, hidrocor, eva, e tesoura.
Observações:	Com o horário reduzido, devido a pandemia pelo coronavírus, o número de alunos que frequentam a escola, tem sido bem reduzido também. No dia da aplicação dessa Sd, havia somente seis alunos dos onze que frequentam.

APÊNDICE B: SEGUNDA SEQUÊNCIA DIDÁTICA



SD2- Que História é essa? Uma princesa mágica. Apresentando literaturas como proposta de Educação Antirracista.

Dia: 1 ☐ 2 ☐ 3 X

Instituição: UNICARIOCA	**Data:**03/11/2021 a 17/11/21
Educador Autor(a): PLINIA CORRÊA FERREIRA SERRA	**E-mail:** pliniaserra@gmail.com

Eixo Temático: LITERATURA E DIVERSIDADE
CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS EM ACORDO COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC: 1- O EU, O OUTRO E O NÓS; 2- CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS; 3- ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO; 4- TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS; 5- ESPAÇOS, TEMPO, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES.

Locais que serão utilizados: X **Sala de Aula** ☐ **Pátio** X **Outros: CASA**

Objetivos esperados:	• Proporcionar ambiente literário em modelo híbrido já que as histórias apresentadas serão enviadas para as crianças que ainda não estão na rotina presencial: • Unir escola e família, estimulando a apropriação de bons hábitos leitura significativa; • Valorizar a diversidade cultural; • Criar histórias a partir da vivência de cada um.

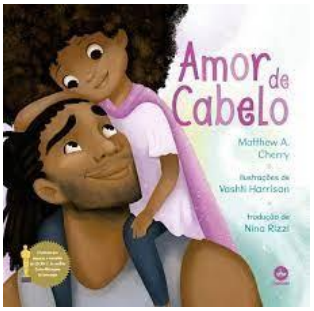
1ª Etapa **03/11/21** **30 minutos**	**Hora da História: O Pequeno príncipe Negro/ Pretinha de Neve e os seta gigantes** Dando continuidade a proposta de apresentação de literatura infantil com protagonismo negro, a pesquisadora trouxe dois títulos com a abordagem príncipe/princesa negra. A história foi contada pela pesquisadora, enfatizando os personagens, e em seguida, as crianças tiveram a oportunidade de recontar e manusear os livros apresentados.   *Aporte Teórico: A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p.4)*

<table>
<tr><td></td><td colspan="3"></td></tr>
<tr><td>Habilidades</td><td>(EI03EF06)- Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea) em situações com função social significativa.</td><td>(EI03EO04)- Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.</td><td>(EI03ET06)- Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.</td></tr>
<tr><td>2ªEtapa

10/11/21

120 minutos</td><td colspan="3">Oficina de tranças: Neste dia, a escola recebeu a trancista Tainá, que se voluntariou para o evento. Ela é filha da professora Joana, que nos apresentou a história “Amor de cabelo”. Além disso, mostrou para as crianças diferentes tipos de pentes, para diferentes tipos de cabelos. Todo momento foi registrado com o celular e aconteceu ao som da música “ Neguinha sim!” de Renato Gama https://youtu.be/mTS6xnooUCg

Aporte Teórico: São necessárias novas práticas pedagógicas para uma educação transformadora que esteja centrada na condição humana, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade e da ética, na diversidade cultural, na pluralidade de indivíduos, e que privilegie a construção de um conhecimento de natureza transdisciplinar, envolvendo as relações indivíduo sociedade natureza (Morin, 2011, p.13)

 </td></tr>
<tr><td>Habilidades</td><td>(EI03CG03)- Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.</td><td>EI03CG04)- Adotar hábitos de autocuidado relacionados à higiene, alimentação, conforto e aparência.</td><td>(EI03EO06)- Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.</td></tr>
<tr><td>3ªEtapa

17/11/21

15 minutos</td><td colspan="3">Melhores momentos No aplicativo vídeo show, a pesquisadora criou um vídeo com os melhores momentos da oficina de tranças, utilizando a música “ Cabelo” de Arnaldo Antunes e interpretada por Gal Costa. Foi apresentado para as crianças na televisão da escola.

Aporte Teórico: A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p.4)</td></tr>
</table>

Habilidades	**(EI03CG04)-** Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência.	**(EI03EO05)-** demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive**.**	**(EI03EO06)-** Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.
Recursos Digitais	TV digital, Data-show, vídeos animados, celular ou tablet.		
Recursos Analógicos utilizados	Livros, caneta, papel e giz de cera para os registros das histórias; Kanekalon - fibra sintética para a oficina de tranças;		
Observações:	Essa SD foi dividida em três momentos, ou seja, aconteceu em três dias da semana, pelo fato do horário reduzido na quarta-feira.		

APÊNDICE C: TERCEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

SD3- Que História é essa? Uma princesa mágica. Apresentando literaturas como proposta de Educação Antirracista.



Dia: 1 ☐ 2☐ 3 ☐ 4X

Instituição: UNICARIOCA	**Data:24**/11/21 a15/12/21
Educador Autor(a): PLINIA CORRÊA FERREIRA SERRA	**E-mail:** pliniaserra@gmail.com

Eixo Temático: LITERATURA E DIVERSIDADE
CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS EM ACORDO COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC: 1- O EU, O OUTRO E O NÓS; 2- CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS; 3- ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO; 4- TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS; 5- ESPAÇOS, TEMPO, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES.

Locais que serão utilizados: X **Sala de Aula** ☐ **Pátio** X **Outros: CASA**

Objetivos esperados:	• Proporcionar ambiente literário em modelo híbrido, já que as histórias produzidas pelas crianças serão apresentadas para a comunidade escolar: escola/família.; • Unir escola e família, estimulando a apropriação de bons hábitos leitura significativa; • Valorizar a diversidade cultural; • Avaliar a performace e produção dos alunos quanto ao protagonismo negro.

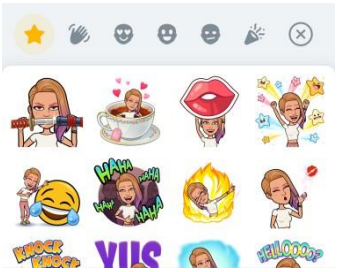
1ª Etapa **24/11/21** **40 minutos**	**Construindo meu avatar** - as crianças foram apresentadas ao aplicativo Bitmoji, instalado no celular da pesquisadora. Individualmente, foram incentivadas a respeitarem suas características físicas, e criarem um avatar próprio, porém, tiveram total liberdade para escolherem suas características . Usaram , como suporte, o espelho da sala. Após a criação do avatar, ainda no aplicativo, cada uma escolheu oito adesivos/imagens onde o avatar criado aparecia nas mais variadas situações. *Aporte Teórico: [...] torna-se cada vez mais necessário um fazer educativo que ofereça múltiplos caminhos e alternativas, distanciando-se do discurso monológico da resposta certa, da sequência linear de conteúdos, de estruturas rígidas dos saberes prontos, com compromissos renovados em relação à flexibilidade, à interconectividade, à diversidade e à variedade, além da contextualização no mundo das relações sociais e de interesses dos envolvidos no processo de aprendizagem. (Guimarães, 2006, p. 23)*

<table>
<tr><td></td><td colspan="3">
</td></tr>
<tr><td>Habilidades</td><td>(EI03EF06)- Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea) em situações com função social significativa.</td><td>(EI03EO05)demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.</td><td>(EI03ET06)- Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.</td></tr>
<tr><td>2ªEtapa

1º/12/21

60 minutos</td><td colspan="3">Criando história - Visualizando as imagens do avatar criado, em diferentes situações, escolhidas por eles, cada criança criou sua história, sendo ela a protagonista. A pesquisadora utilizou o gravador do celular para gravar as histórias, sendo a escriba na escrita. Após a gravação, cada criança ouviu o seu áudio.

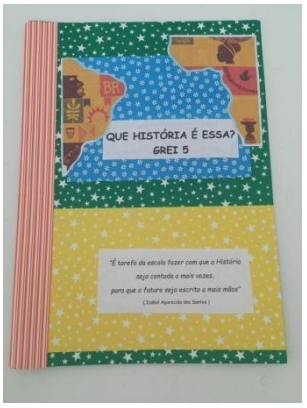
Aporte Teórico: “Quando eu ainda não sabia ler, brincava com livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo.” Cecília Meireles

</td></tr>
<tr><td>Habilidades</td><td>(EI03EF06)- Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea) em situações com função social significativa.</td><td>(EI03EO04)- Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.</td><td>(EI03TS02)-Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.</td></tr>
<tr><td>3ªEtapa
08/12/21

40 minutos</td><td colspan="3">Conhecendo o autor- Utilizando o gravador do celular, a pesquisadora realizou uma entrevista com cada criança, a fim de conhecer um pouco mais de sua história.</td></tr>
</table>

<table>
<tr><td></td><td colspan="3">

Aporte Teórico: “ O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciados.” (Djamila Ribeiro)</td></tr>
<tr><td>Habilidades</td><td>(EI03ET06)- Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.</td><td>(EI03EO04)- Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.</td><td></td></tr>
<tr><td>4ªEtapa
15/12/21

120 minutos</td><td colspan="3">Lançamento do livro: O lançamento do livro “ Que história é essa “ se deu no Quilombo do Grotão, símbolo de resistência e força da cultura negra e da luta antirracista. Cada criança autografou o seu exemplar e levou para casa para partilhar com a família.
 

Aporte Teórico: É tarefa da escola fazer com que a História seja contada a mais vozes, para que o futuro seja escrito a mais mãos. (Isabel Aparecida dos Santos)</td></tr>
<tr><td>Habilidades</td><td>(EI03EF04)- Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações definindo os contextos, os personagens e a estrutura da história.</td><td>(EI03EF06)- Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea) em situações com função social significativa.</td><td>(EI03EF01)- Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre as suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita
(escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.</td></tr>
</table>

Recursos Digitais	Impressora, notebook, celular
Recursos Analógicos utilizados	Papel colorido, cola e folhas impressas
Observações:	O lançamento do livro se deu somente com a presença dos alunos, devido ao distanciamento social.

APÊNDICE: D: E-BOOK

https://www.canva.com/design/DAFAsiLfYkE/LuKdzTvlC44Z-qqXDoKXjw/edit?utm_content=DAFAsiLfYkE&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton